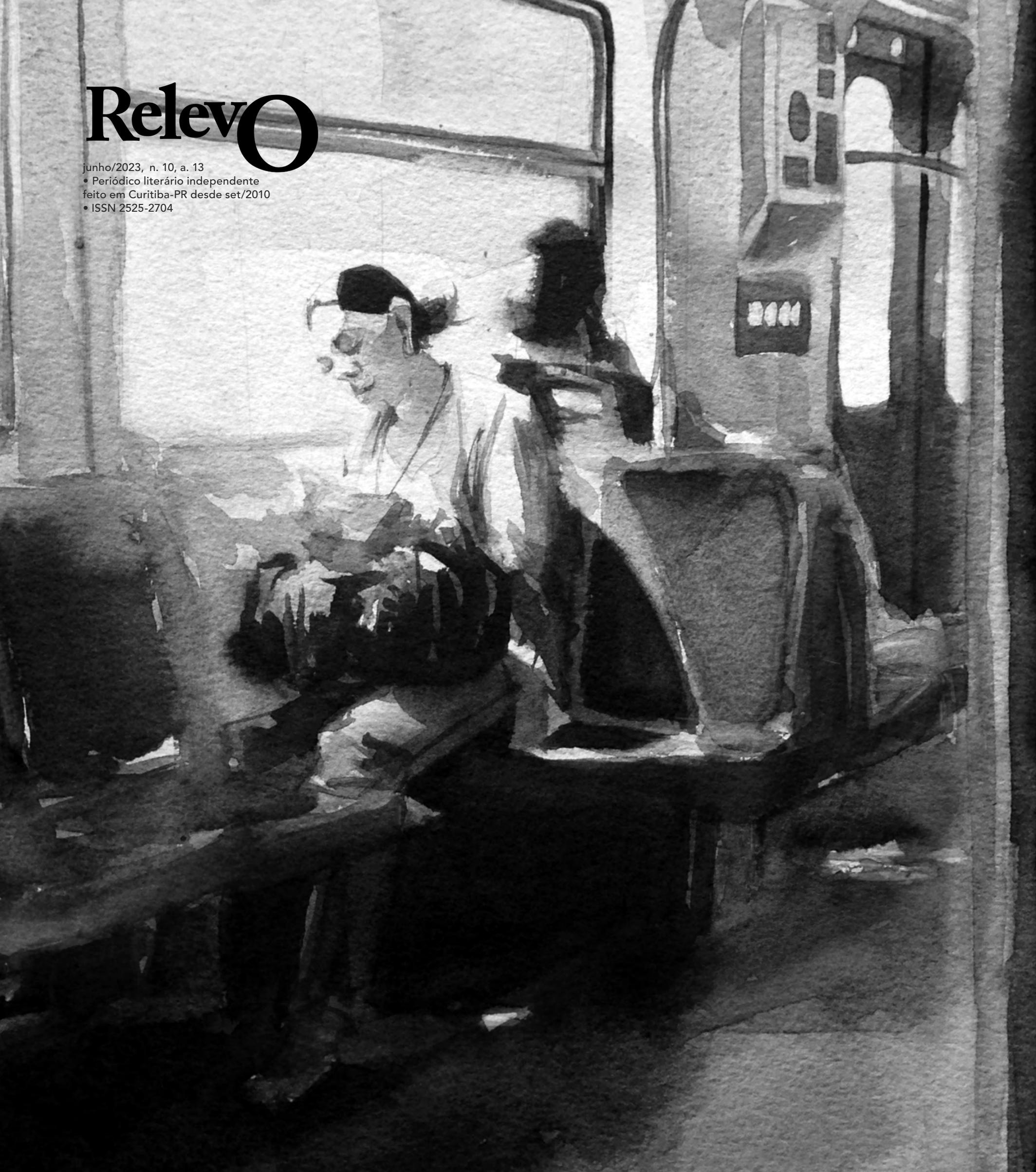


RelevO

junho/2023, n. 10, a. 13

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações dessa edição são de **Marcos Beccari** [marcosbeccari.com].

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 20 Hugo Giazzi Senhorini; R\$ 35 Mariana Laterza; R\$ 70 Ademir Demarchi; Leila Kelly; Marina Pilato; Edson Valente; Márcio Abecê; Carlos Pessoa Rosa; José Carlos Fernandes; Evelin Nascimento; Fabiano Tadeu Grazioli; Jeferson Nunes; Adriano Barreto Espindola Santos; Aline Carvalho; Vivian Renata Kida; Céline Bernard; Com Tato Comunicação; Arnaldo Branco; Álisson da Hora; Thais Pires; Rosana Cuba; Iara Amaral; Fabiano Faga Pacheco; Rômulo César; Andrey Derzette Sais; Caio Victor Bulla de Carvalho; Dagmar Spring; Débora Remingio Vaz; Marcela Fassy; Maria Fernanda Maglio; Ana Priscila Correia Luz; Juliana Lopes; Elymeire Pessoa; Raquel Zepka; Demetrios Galvão; Rafael Cal; Kethlen Roberta Roussenq; Matheus Jurgen; Leticia Bezerra Rocha; Ana Huang; Raquel Cristina Valedorio; Robson Vilalba; Alice Ribeiro Lopes; Julio Filho; Ligia Maria Greniuk; Lucas Gomes; Lígia Medeiros Nogueira; Damião Seridó; Lucas Silos; João Alexandre; João Paulo de Barros; Giane Coutinho; R\$ 100 Ricardo Furuya; Anthony Portes; R\$ 105 Marcio José da Silva; Claudio José Dutra; Taiana Bubniak; Diogo Richter; R\$ 105 Rodrigo Domit; R\$ 140 Simone Nunes; Rodrigo Pinto da Silva; Cleverson Bravo; Thassio Ferreira; Gissele Chapanski; Fernanda Dante; R\$ 150 Consolação Buzelin; R\$ 155 Rômulo Cardoso; R\$ 200 Elieder Corrêia da Silva; R\$ 210 Marcos Monteiro; R\$ 280 Amanda Vital; R\$ 375 Celso Martini.

TOTAL: R\$ 6.490

ANUNCIANTES:

R\$ 30 O Alienígena; R\$ 70 José Vecchi Carvalho; R\$ 100 William Soares dos Santos; Cesar Carvalho; R\$ 140 Leila Menezes; Macabéa Editora; R\$ 200 Flávio Sanso; R\$ 280 Livraria Pontes; Pangeia Editora; R\$ 350 Allejo.

TOTAL: R\$1.690

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.100
Escritório: R\$ 310
Embalador: R\$ 350
Autores e ilustradores: R\$ 540
Editor-executivo: R\$ 1.300
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 2.200

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 8.180**

(-) Saídas totais: **R\$ 8.295**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 115**

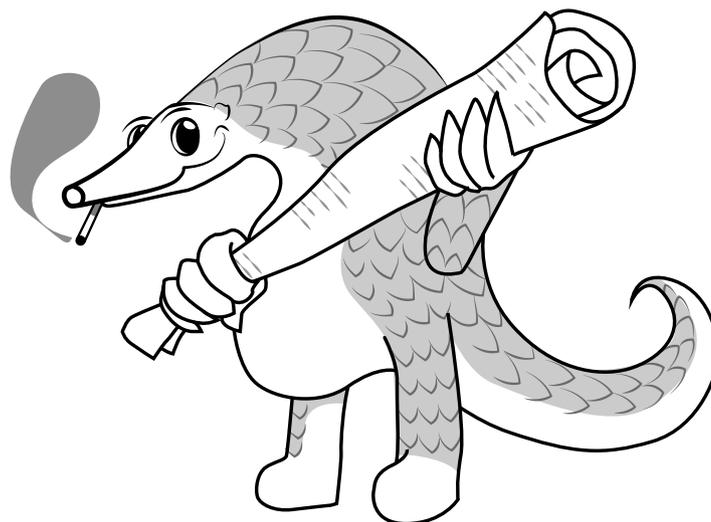
Junho/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 30 de maio de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

VALORISMOS

Dina Dominick Olá, Jornal. Fiquei encantada com o tratamento privilegiado concedido ao meu conto “A Outra Mulher” no Jornal da edição de abril. O texto ganhou destaque na página e, em consequência, visibilidade. Além disso, a ilustração inserida na página ao lado, 8, é lindíssima, o que valorizou a composição. Muito obrigada pelo profissionalismo e carinho! Já li todo o jornal e gostei muito dos outros textos. Parabéns pelo trabalho!

Helena Basso Oi, Jornal, tudo joia? Mando pra vocês uma carta que aqui vai: Que coisa maluca receber o **RelevO** aqui no Velho Mundo! De maneira intermitente, fui assinante mais por simpatia do que por disciplina de leitura. É que, estando em terras brasileiras uma ou duas vezes por ano, nunca sobrava muito tempo pro Jornal. Abri finalmente uma conta no Inter e com o pix agora posso fazer transações em moeda brasileira, o que facilitou bastante as coisas. Tornei a assinar o Jornal imbolicamente pra colaborar no orçamento, mas pedi ao editor que não enviasse os jornais. Meus pais não são muito da literatura e ninguém os leria. Foi então que ele me fez uma proposta audaciosa: enviá-los aqui para a França. Domingão na *banlieue* parisiense, eu lendo jornal impresso em português! *Il fallait oser...! Un grand merci, c'est top.* Abraços!

ELEMENTOS PERSUASIVOS

Fábio Ribeiro Oi. Chegaram rápido, na sexta-feira seguinte ao nosso contato pelo Instagram. Foi muito instigante ter contato com um jornal literário. Senti falta de elementos persuasivos na comunicação como um todo. Até os apaixonados por literatura precisam ser conduzidos a novas ações na experiência de consumo. Observei outros pontos também. Destes, prefiro comentar pessoalmente. Sou revisor. Estive atribulado com sondagens a editoras nas últimas semanas. Por isso, demorei em retornar aqui. Obrigado!

Alanis Gomes F. Santos Chegaram os exemplares sim, muito obrigada. O conteúdo é ótimo por ser não esse bolo de sensacionalismo que vemos hoje em dia. Que tenham muito sucesso.

ANOS E ANOS DE EQUÍVOCOS

Fabiano Faga Bom dia! (ou boa tarde, se você estiver lendo isso na hora em que foi enviado). É quase impossível

me esquecer de vocês, já que sempre me mandam e-mails de cobrança. O pix foi feito e lamento informar que esqueci de errar o valor. Eu ia pagar apenas R\$ 0,70 por pura inabilidade com as casas decimais de nossa moeda corrente, mas um lampejo de frio me fez tremer e apertar mais algumas vezes o zero por engano. Com isso, continuo a cometer o equívoco de assinar o **RelevO**. Vou solicitar para passar a encaminhar para a casa do meu avô o jornal. Não só porque eu estou aqui no momento, mas também porque ele tem mais tempo para perder, já que não tem muito mais a ganhar. Soma-se a isso o fato de aqui ter um banheiro em boas condições para desfrutar de saborosa leitura com um odor característico. Atenciosamente.

FUTURO MUSICAL

Marina Pilato AMEI MUITO! Ansiosa pra ver essa fusão mais explícita entre escrita e música

Gustavo B. de Oliveira Boa tarde pessoal do **RelevO**. Como assinante de vocês há algum tempo, gostaria de trazer algumas palavras de agradecimento. Muito em reflexo ao primeiro recado do email. Sempre curti os textos que traziam a música como temática. Lembro que foi por meio de uma das edições (gostaria muito, mas não recordo qual) do Jornal em que tomei conhecimento sobre uma das minhas bandas preferidas até hoje, o Hiatus Kaiyote. De maneira geral, o texto que mencionava a banda foi escrito por alguém que estava puto/a com o Drake por este ter se apropriado de algo relacionado ao Hiatus, ou algo assim... Como disse, gostaria de lembrar mais sobre o texto, porém isso já tem algum tempo e não consigo recordar. Enfim, adorei a ideia/posicionamento de vocês assumirem esta “faceta”. E agradeço imensamente por terem me apresentado a banda de forma tão despreziosa. Abraços!

LER EDIÇÕES ANTERIORES TAMBÉM VALE

Teresa Silva (Pensei que enviei esta mensagem, mas estava guardada nos Rascunhos. Segue com grande atraso). Muito engraçado o conto de Astrogildo Arantes, a mais absurda e padronizada história de terror clichê. Uma história de terror adaptada à realidade brasileira. Gostei de “O que fazer com um poema guardado”, de Carolina Bataier. Me interessei pelo livro *Em conflito com a lei*, de Lucas Verzola, resenhado por Camila Passatuto. Vou indicar para uma amiga que trabalha

com bibliotecas prisionais. Me parece que ele “conversa” com as crônicas de tribunal da então juíza Andréa Pachá. Fiz uma busca pelo Lucas Verzola e também gostei do que eu soube. Autor anotado para novas leituras. Abraços!

DAS BOAS IDEIAS

Alex Zani Caros. Refleti muito sobre a circular enviada aos assinantes no dia 20 de maio. Pensei então em redigir esse texto com a finalidade de não somente trazer algumas reflexões, mas também apresentar algumas ações que podemos trabalhar de maneira conjunta para buscar novos olhares (e consequentemente, assinantes) para o **RelevO**. Veja, é claro que vocês se conhecem mais do que ninguém, mas o que sabemos sobre o Jornal é que tem um foco específico em literatura contemporânea, o que pode ser um atrativo para um nicho de leitores interessados nesse tema; quem tem contato com o jornal logo se encanta pela qualidade do conteúdo, o que influencia muito na retenção de leitores e possibilita a fidelidade à marca. Peço licença, agora, para dispor da minha distância do editorial enquanto leitor para formular alguns questionamentos e críticas, tendo em consideração todo o respeito pelo periódico, pela nossa parceria e maneira com a qual vocês fazem a gestão. O preço da assinatura, embora relativamente baixo, pode não ser atrativo para todos os leitores potenciais. Vocês já tentaram trabalhar uma comunicação envolvendo o valor mensal de R\$ 5,83 em vez de focar no R\$ 70 ao ano? Acho que aqui é uma possibilidade. Ainda que o objetivo seja converter para assinaturas anuais, uma vez que não é possível assinar apenas por um mês, creio que seja possível trabalhar anúncios do Jornal com esse valor mensal, especificando que o pagamento é feito no valor anual e também a possibilidade de dividir em até 10x sem juros no cartão pelo MercadoPago. Há uma má exploração da presença online nos canais do Jornal. E esse “má” não é no sentido de ser ruim, é no sentido de não ser explorada o suficiente. Vejam bem, muito se fala de que os vídeos são o novo formato de conteúdo das redes sociais, e é verdade, os algoritmos são escritos para dar mais alcance a esse tipo de formato, não há discussão. No entanto, o último vídeo no Instagram do **RelevO** é um vídeo publicado em novembro de 2022, que atingiu incríveis 23 mil visualizações; é um vídeo de 30 segundos onde não aparece nenhum ser humano, ninguém fala no fundo e não aparece nenhum texto na tela. Será que não seria um formato a ser replicado?

Um vídeo desse por mês, não somente do papel sendo rodado nas máquinas caras de uma gráfica, mas também dos exemplares sendo encaixotados, transportados, despachados no Correios, os envelopes sendo selados, enfim. Vejo uma variável de vídeos a serem explorados que aproximam a produção e redação do Jornal com o seu público leitor. A galera tem curiosidade. O vídeo tem 23 mil visualizações porque ninguém nunca entrou numa gráfica, gera curiosidade e pode trazer mais comentários como este do vídeo. Penso também em alguns vídeos periódicos, folheando os jornais, apresentando as ilustrações, os textos engraçadinhos e, é claro, passando brevemente pelo conteúdo per si.

Dina Maria Dominick O Jornal chegou aqui este início de semana. Folheei e está lindo. Vou ler com calma. Parabéns!

Dom Valdir Backmann Boa tarde pessoal. Recebi o meu exemplar do mês de maio. Parabéns, ficou show de bola. Ansioso para chegar o do mês de junho. Boas leituras com excelente trabalho.

Damião Seridó Assinei dias atrás e já estou ansioso pelo meu primeiro exemplar.

Douglas Laurindo Sabei, na edição de abril do Jornal, o meu poema “animalia” (Urutau, 2022). agradeço a recepção, como também o trabalho visual do sensibilíssimo Fabio Rrocha. Apoie o **RevelO**.

Gabriel Protski Me deparei com uma cópia no Manifesto Café, de Curitiba, e fui muito feliz lendo essa edição do **RelevO** depois de anos sem contato com esse impresso. Textos muito bem escritos e diversos. Desde a sessão da ombudsman eu já tava lendo com um sorrisinho na cara.

Gladson Rafael Nascimento Tenho gostado bastante do Jornal, inclusive penso em apoiar.

PET SHOP IMPRESSO

Cleber Assunção Quanto custa 10 quilos de jornal? É para os meus pets. Não precisa ser jornal do mês.

Dívidas, juros, dividendos, música

APOIADORES



O **Jornal RelevO**, em um esforço quase acima de suas capacidades papelísticas, não mencionará, em seu texto-apertura de junho, as causas e os efeitos de nossas dificuldades financeiras. Falaremos de música.

Quando fundamos o Jornal, em agosto de 2010, desejávamos ser um periódico de cultura, sobretudo de literatura, principalmente pela relação (tóxica) do editor com a escrita, mas também queríamos publicar textos sobre música, cinema, teatro, ensaios, aleatoriedades (essa palavra boba...) divertidas para quem estivesse em busca de um texto *saboroso*.

Criando crônicas, perfis e obituários, o editor ocupava com regularidade um espaço que podia ser destinado a outros escritores e escritoras, usuários melhores da língua portuguesa. Felizmente, o hábito de preencher obrigatoriamente as páginas com o próprio nome foi abandonado com o tempo (ou com a maturidade). Aí já estávamos em 2014 e começamos a abrir espaço para o humor nas páginas centrais, sem precisar destacar quem escreveu, RG, CPF, se estudou na USP. Talvez tenha começado nesta época a nossa aversão a bios e a nossa busca por diversão sem pedigree.

Reparamos também, ao longo desses quase 13 anos, que sempre publicamos muitos textos com relação direta com a música, de relatos de festivais a trechos de canções na contracapa. Nunca assumimos essa faceta como um de nossos norteadores editoriais. Não sabemos dizer bem o porquê, mas sentimos que este é o momento de nos entendermos melhor com o passado e o futuro de nossos desejos, aprofundando nossa relação entre música e literatura.

A música sempre fez parte do Jornal como uma espécie de região sem fronteiras, aberta às experiências, uma ferramenta de conexão. Recentemente, em abril, publicamos um especial de quatro páginas sobre o Skank escrito pela Marceli Mengarda, responsável pela Burocrata Carimbos e projetista gráfica da página impressa da Enclave – que, aliás, trata de música com apuro (não confundir com apuração) e regularidade.

Queremos abrir, portanto, mais espaço em nossas páginas para relatos peculiares, quem sabe em um reencontro entre texto e ritmo. Notamos, ainda, uma notória falta de cobertura musical um pouco menos... como podemos dizer... caça-clique. (Não podemos esquecer o nosso peculiar projeto, o sensacional *Brazilliance*, descontinuado – por ora – para descanso do alemão.)

Nesta edição, trazemos um relato de quatro páginas sobre a nossa cobertura do C6 Fest, que aconteceu em São Paulo entre 19 e 21 de maio. O evento teve Kraftwerk e Underworld como os líderes da programação. De modo geral, gostamos muito de música, gostamos de música eletrônica e acreditamos que os relatos de quem *estava lá* podem proporcionar experiências interessantes para os nossos leitores. Esperamos que se divirtam.

Uma boa leitura a todos.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro *Viva Ludovico*, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

O OUTRO LADO

André Bartholomeu

“A obra poética deixa um “gosto de quero mais”. Encontramos uma firmeza ímpar em seu posicionamento de construção poética, já com um sabor MODERNO (não de forçado modernismo). Os versos e estruturas estróficas enxutos, mas também luminosos e (que coisa boa!) surpreendentes. O poeta André Bartholomeu usa um título geral que desafia nossa compreensão, o que torna, para o leitor, mais desafiante.”

J.F. Regis de Moraes



www.ponteseditores.com.br

Amanda Vital

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

*Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor.*

*Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.*

Abaixo os puristas

Manuel Bandeira

Car_s leitor_s, vocês não estão exaust_s da vida burguesa que tem aparecido nos romances, nos poemas, nos contos? É tão estranho pegar num livro e se deparar com um jantar com comida flambada e espumante, a combinação de uma viagem pra Paris na mesma semana com umas amigas (como se não tivesse todo o rolê de ter que combinar com todo mundo, ver que dia fulana pode, marcar folga, fazer uma pesquisa de preço mais barato e marcar pra dali a uns 6 ou 7 meses, ou algo assim), uma corrida na orla da praia logo de manhã sem um sustinho— nem falo de assalto, poderia ser uma topada numa pedra, sabe? —, um galã chamado Pierre Albuquerque ou Brad Alcântara, do nada, no Brasil... Já é tão comum que chega a ser estranho. Porque é tudo falado com uma naturalidade, imagina! É normalíssimo a dona Cindy Bittencourt dar de presente uns bombons de licor de cereja da Indonésia oxidada e conservada a frio com chocolate suíço 70% cacau orgânico biológico e hidropônico para a sua mãe, “que ela gosta tanto, são seus favoritos”! Romance de vida de herdeiro (infelizmente — e sobretudo — de herdeira), sem boleto pra pagar, sem mercado pra fazer, que não chora pela alta do preço dos tomates, que freta um jatinho em 5 minutos. Que não é fudido. O máximo que pode acontecer nessas histórias é talvez não ter pão integral para comer no lanche. Descobrir que um gostosão rico que a protagonista conheceu numa balada (de rico, novamente), cujo mapa astral suuuuper bate com o dela — inclusive, ela fez ali mesmo, no meio da boate, e o rapaz nem fugiu, vê só! —, tem uma ex que ele não supera. São uns problemas ridículos apresentados como se fossem problemões. Eu só consigo imaginar que quem escreve isso não precisa sair para trabalhar, mesmo. O romance de herdeiro não fica só no

romance, é literalmente escrito por quem não precisa acordar às 5h40 pra pegar condução. Pede almoço e jantar pelo aplicativo. Paga “mocinho” para ir ao correio por si. Tem um gato bengal. Não dá bom dia para a faxineira do prédio. Engraçado é que a gente consegue “ler” isso nos personagens que a pessoa cria, porque também é tudo um bando de gente chata e entojada, com diálogo medíocre, que acha que a vida gira em torno do próprio umbigo. Não sei se cheguei a mencionar por aqui a classe do rico que paga pessoas (literalmente paga) para estar no meio literário, oferece jantares em restaurantes chiques, elabora eventos inteiros com um nome bem pseudocult para uma galera que ninguém conhece, faz seu networking safado para caber bem grandão na rodinha, suuuuper aclamado e respeitado em seu terninho feito sob medida, enquanto escreve, sei lá, num estilo meio Cesário Verde meets escritório do papai para o rapazinho no ócio leite com pera e iogurte dietético.

Acho que quase todos os textos do **RelevO** da edição anterior se ligam por essa linha mágica que é a vida real, a vida acontecendo. E isso não é necessariamente chato, vamos parar com essa teoriuzinha, também, né? “Ah, não quero ler nada que me lembre a minha vida, que já é tão enfadonha”, poxa... O problema não é da literatura ser “do cotidiano”, é seu. Tem gente tão, mas tão chata que não aguenta ler um “asfalto”, um “cocô” num poema, costumam ser os mesmos que criticam poesia descritiva/narrativa porque “não é poesia, é prosa poética”; bando de gente que não superou que as caretices são minoria agora, a trupe dos agarradinhos ao mundo mágico do lirismo pretensioso dos que nunca lavaram um copo na vida porque a esposa faz tudo em casa. Nem tudo o que é distante da nossa vida cotidiana é legal; na verdade, acontece muito o contrário (e isso também pode ser lido por “nem toda literatura fantástica é legal”, muita não é, só imita o Tolkien e vem de uma galera que passa os dias no WattPad lendo adolescentes tristes e iludidos para pegar inspiração), a coisa ser tão desconexa da realidade que chega a ser um saco. E nem todos os cotidianos são os nossos. Porque também não é todo dia

que a gente tromba, pessoalmente, com a poetinha arrogante de bairro que escreve uns poemas ridículos de tão senso comum que são — e com uma sacanagem merecida (olha o *guilty pleasure* e a sedezinha de vingança aí!) com ela —, com as clientes-sinhás-nossas-senhoras da manicure, com as vizinhas adúlteras de meia-idade se confessando ao padre, com o Alzheimer da dona Linda. Tem que vir alguém contar isso e mandar para o nosso querido jornal. Contar da perspectiva do fudido, mesmo. Nem toda literatura é para fugir, para salvar, para ir longe. Muita é pra geral ficar puto, sair com dor de cabeça, ler como se fosse o desabafo de alguém que tá farto, assim como quem a lê. “Mas até tem rico que sabe escrever”, é verdade. Ainda mais antigamente; eram os que mais publicavam, tinham o dinheiro e os contatos certos, e o talento — boas vezes — também; tinham a escolaridade certa, o tempo de leitura certo, o “modo de ver o(s) mundo(s) que não o seu próprio” também, e isso tem lá a sua graça. Atualmente também tem. Isso não é um manifesto contra os ricos, é contra os bestas, mesmo.

A edição passada foi muito, muito boa, apesar de ter pouca poesia originalmente em português, mais tradução, mas as traduções também estão excelentes. Tivemos o conto “A Poeta”, de João Alexandre (acredito que esse protagonista tenha vingado todos aqueles que gostariam de tentar mostrar alguma farsa por trás dos poemas curtos e suas autorias — eu estive em alguns grupos desses poetas dos “curtos” na minha adolescência e olha, o plágio, a apropriação de ditados amplamente conhecidos e populares para si, como se fossem de autoria del_s, com assinatura estilizada e tudo; a mania de superioridade d’A Poeta em questão são reais, bem reais, e agem como se estivessem escrevendo o suprassumo da literatura contemporânea, e são só coisas que ouviram na rua —, mas aqui deixo um adendo, porque vi alguns desses poetas crescerem, e apesar do início ter sido meio duvidoso, evoluíram bem em suas respectivas literaturas. Nem tudo é amargura, né?); “Maria do Rosário”, de Iara Sydenstricker (muito bom, fez um cruzamento bem legal entre denúncia e beleza, e teve um ótimo fechamento); Audre Lorde, traduzida por

Rafael de Arruda Sobral (que traduz bem até a forma, ele é um ótimo tradutor; há trabalhos dele em revistas como *Mallarmagens* e *Escamandro*, pra quem quiser ler mais); “A beata”, de João Paulo de Barros (aquela dose genial de exposição da hipocrisia das beatas católicas, sempre bem vinda, e uma escrita boa, gostosa demais de ler); Friedrich Holderlin, esse querido atemporal que meu-deus-do-céu como o homem escrevia bem, traduzido por João Paulo Andrade; uma seleção de poemas de Ivan Junqueira por Lucas Silos (muito boa curadoria); e o conto (ou crônica, pode-se considerar, também) “Helena, sharmuta”, por Jennifer Cabral. Também contamos com o projeto gráfico muito bom do André, com ilustrações de um puta bom gosto.

*Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis*

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

*De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora
de si mesmo*

De resto não é lirismo

*Será contabilidade tabela de co-senos secretário
do amante exemplar com cem modelos de cartas
e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.*

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira

Porque não tem graça nenhuma o lirismo que não seja libertação, tem? Car_s leitor_s, nos vemos no próximo texto. Sejam livres! Mas se não quiser, não precisa.

Astrogildo Arantes

O bate-bola

Quem já esteve no subúrbio do Rio de Janeiro durante o Carnaval correu um grande risco: poderia se defrontar, inadvertidamente, com um bate-bola. “Bate-bola”, aqui, não é um sinônimo de futebol ou algo do tipo – é a denominação de um dos aspectos mais assustadores de nossa cultura, só perdendo para a inflação e a política representativa.

Com efeito, um bate-bola (e usamos o artigo indefinido por um motivo claro: existem vários) é um cidadão (ou cretino, dependendo da opinião que for consultada) que se fantasia com vestes negras de palhaço. Sim, palhaços já são assustadores: imagine-os, agora, com roupas inteiramente negras. Eis um bate-bola. Aliás, as bizarras não param por aí. Um bate-bola não fala, só há uma cornetinha presa onde deveria estar a boca do cidadão (ou cretino). Some-se a isso – como se precisasse de algo mais – o fato de que ele (o cidadão/cretino) usa uma bola para agredir os outros (daí o nome “bate-bola”). Por fim, usa uma fantasia com cheiro de doces para atrair crianças – o que só faria sentido se o objetivo fosse atrair crianças cegas, já que é bem pouco racional supor que crianças chegassem perto de um ser assustador todo vestido de preto que anda por aí com cornetinha e bola.

Enfim, bate-bolas são seres assustadores, ocasionando verdadeiras calamidades sanitárias por onde passam: é sempre possível encontrar rastros de merda, indicando o caminho pelo qual os transeuntes desesperados fugiram. Curiosamente, rezam as más línguas que essa tradição foi trazida para cá com os portugueses (indígenas jamais seriam tão perturbados para se vestirem de tal forma). Quando a coisa fugiu do controle, eles subiram no navio e voltaram para a Europa, deixando o Brasil na mão desses baderneiros carnavalescos. Essa é, aliás, a história secreta de por que D. Pedro I saiu do Brasil, abdicando de seu trono.

Como esse conto não tem a pretensão de ensinar a verdadeira verdade sobre a História, foquemos no que importa: há muitos anos, o país está nas mãos desses seres que, das 12h às 13h no sábado de carnaval, fazem todo tipo de bagunça que quiserem. 60 minutos de puro terror e boladas gratuitas. É muita dor e agonia para um povo tão sofrido. 60 minutos de toque de recolher, sob risco de ser alvejado. Poderiam as coisas piorarem ainda mais?

Pois bem. Clóvis, um pacato cidadão, teve uma epifania: nos EUA, qualquer merdinha vira uma franquía de milhões de dólares. Lendas urbanas surgem dia sim, dia não, e ganham redes sociais, mídias alternativas e terminam, então, em Hollywood, movimentando dinheiro suficiente para acabar com a fome em um pequeno país. Ora, por que não fazer algo semelhante no caso brasileiro? É evidente que um país como o Brasil já possui uma riqueza cultural esplendorosa, portanto seria o momento de enfim aproveitá-la.

Clóvis, o audaz, decidiu se tornar um bate-bola. E, melhor ainda, decidiu mudar o modus operandi desse fenômeno cultural: em vez de agir numa tarde de carnaval no subúrbio carioca, por que não atuar toda noite de lua cheia em São Paulo? Era uma ideia que tinha tudo para dar certo...

Assim, o rapaz se juntou com outros três amigos, todos tão pervertidos quanto ele, e traçaram os planos. Todos os quatro compraram fantasias idênticas e se vestiram à caráter – isso é, como um ser assustador. Decidiram que cada um iria para algum bairro paulistano, para espalhar o caos. Em poucos ataques, acreditavam, as notícias correriam pelas redes sociais, criando um clima propício para o surgimento da mais assustadora lenda urbana tupiniquim. Depois disso, seria mera questão de tempo até que a história se tornasse um filme.

Os rapazes, vale dizer, não eram propriamente inteligentes – o que,

aliás, já dava para deduzir pela ideia que tiveram de se fantasiar de bate-bola. Se fossem inteligentes, perceberiam que o plano era bem idiota: ainda que o bate-bola se tornasse uma lenda urbana de terror, não seriam eles que ganhariam dinheiro com um eventual filme, mas quem decidisse fazer a obra. Ademais, se eles divulgassem que eram os bate-bolas de São Paulo, querendo participação nos lucros, fatalmente seriam presos, dada a arruaça que causariam. Não que eles tenham pensado em qualquer coisa do tipo naquele momento: eram tão pervertidos que só queriam bagunçar com a porra toda, deixando os desdobramentos para depois.

Clóvis e seus três amigos (doravante chamados “Amigo 1”, “Amigo 2” e “Terceiro Amigo do Clóvis”, para poupar o trabalho de criar nomes para personagens fictícios de um conto insignificante) decidiram que precisavam de uma marca registrada, algo que fizesse as pessoas saberem que era um ataque do bate-bola e que ele (bate-bola) estava presente em vários bairros de São Paulo ao mesmo tempo. O Amigo 2 sugeriu que eles matassem crianças, retirassem a pele das vítimas e as usassem para embrulhar os órgãos internos dos assassinados, fazendo uma bola de restos humanos que seria usada para agredir mendigos na Praça da Sé.

Felizmente para as crianças e mendigos, a proposta foi descartada pelos outros três amigos, que ficaram assustados com o nível de perversão de seu companheiro. Após muito deliberarem, decidiram que o modus operandi infalível fora achado: prenderiam a vítima (qualquer uma) numa bola de borracha inflável gigante, daquelas que são usadas em programas televisivos idiotas de competição. Amarrariam os braços e pernas da pessoa e a deixariam presa na bola, que, por sua vez, ficaria suspensa em alguma ponte. Além de causar pânico na vítima, seria uma atuação extremamente midiática, que faria com que rapidamente o bate-bola

se tornasse um dos trending topics do Twitter e, por fim, uma lenda urbana que daria inveja até no Saci Pererê.

Uma vez que o plano estava acertado, era apenas uma questão de aguardar: precisavam juntar dinheiro para comprar cordas que pudessem aguentar o peso das vítimas escolhidas e as bolas infláveis gigantes e idiotas para prendê-las. Como não tinham muitas economias e o equipamento era muito caro, tiveram de amargar dois meses de ansiosa espera antes do primeiro ataque. E pensar que não recuperariam as bolas infláveis gigantes e idiotas e as cordas após cada ataque... teriam de comprar sempre novos equipamentos, pois os que utilizassem seriam retidos pela polícia: de agora em diante, parte considerável de seus salários seria reservada para esse fim. Os sacrifícios que criar uma lenda urbana (ou ser pervertido) exigem!

Nesse meio tempo, o Amigo 2 tentou convencer os outros três de que seu plano era melhor e que deveriam matar e esfolar crianças, mas foi voto vencido em todas as 238 vezes em que propôs uma votação, fazendo com que, por fim, abandonasse a proposta – ainda que a contragosto.

Questões democráticas à parte, o fato é que os amigos enfim juntaram o dinheiro necessário e fizeram a encomenda das cordas e das bolas infláveis gigantes e idiotas. A encomenda demorou um pouco para chegar, pois as cordas foram extraviadas pelo Correio, mas, enfim, estavam prontos. Vestiram-se de bate-bola, o que era extremamente assustador, e pegaram seus materiais – as cordas e as bolas infláveis gigantes e idiotas. Tocaram suas cornetinhas, para dar sorte, e saíram, cada um para um bairro de São Paulo. Era uma noite fria de inverno, com lua cheia e muita neblina, e que prometia ser o pontapé inicial de uma lenda urbana muito assustadora.

Como pegar ônibus paramentados daquela forma estava fora de cogitação, os rapazes tiveram de se adaptar.

O Terceiro Amigo do Clóvis decidiu chamar um Uber, mas, como todos os motoristas cancelavam a corrida assim que chegavam perto dele, precisou ir andando – o que atrasaria muito seus planos de voltar a tempo do jogo de futebol daquela noite de quarta-feira (seu time de coração estava na Copa Libertadores e ele queria assistir a todos os jogos). Ainda assim, paciência: tentaria ganhar alguns minutos ao escolher uma vítima fraca, que fosse fácil derrubar e prender na bola inflável gigante e idiota. E, no mais, tentaria voltar correndo, o que talvez lhe permitisse chegar a tempo do show do intervalo.

Clóvis, por sua vez, que era bem sabido, escolheu um bairro próximo para atacar com sua fúria de bate-bola. Dava para ir andando sem grandes dificuldades e ainda chegaria a tempo de buscar sua namorada no ponto de ônibus, quando ela voltasse da faculdade – ela não sabia nada sobre os planos do rapaz e ele queria manter assim, num caso clássico de identidade secreta, mais ou menos como o Batman faria (embora o Batman não fosse tão pervertido quanto Clóvis, contentando-se em espancar trombadinhas sem prendê-los em bolas infláveis gigantes e idiotas).

O Amigo 1, que tinha motocicleta, pegou um bairro um pouco mais afastado, mas isso não lhe parecia um grande problema, já que, de moto e sem respeitar a sinalização de trânsito, daria para chegar em pouco tempo ao local, deixar o veículo escondido em alguma rua deserta, atacar a primeira vítima que encontrasse e, então, voltar à moto e retornar para casa. Em sua visão, não tinha motivo algum para reclamar de ter sido designado para aquele bairro.

Por fim, o Amigo 2, chateado por não poder esfoliar crianças – ele até tentou uma última votação antes de partirem para a aventura –, saiu bufando, tendo de ir a um bairro periférico para prender sua vítima numa bola inflável

gigante e idiota. Ele saiu andando, sem olhar para trás, irritado com seus amigos e com as ideias conservadoras deles de usar bolas infláveis gigantes e idiotas, em vez de fazer um trabalho bem feito que os transformaria em lendas urbanas em poucos dias.

Cada qual foi para sua aventura, seguindo um itinerário diferente. O Amigo 2, no meio do caminho, mudou de ideia: aquilo tudo era uma palhaçada sem tamanho. Se ele não podia fazer as coisas como bem queria, por que continuar participando do plano todo? O que ele ganharia ao criar uma lenda urbana? Assim, disse para si mesmo que seus dias de bate-bola estavam acabados – antes mesmo de fazer seu primeiro ato lendário. Tirou a máscara, rasgou as mangas da fantasia e jogou a corda e a bola inflável gigante e idiota no lixo. Decidiu apertar o passo em direção a sua casa, para chegar a tempo de passar na Igreja. Na manhã seguinte, contaria aos camaradas que desistira do plano, já que suas opiniões mais íntimas não eram respeitadas por eles.

O Terceiro Amigo do Clóvis, por sua vez, também apertou o passo e, em pouco mais de uma hora, chegou ao bairro que precisava assolar com toda sua maldade acumulada. Estava esbafoado, por isso parou um pouco e sentou numa calçada para se recuperar. Alguns minutos se passaram e, por fim, estava recomposto, pronto para espalhar o pavor naquela área. O problema é que a rua estava mais deserta do que o esperado. O rapaz, apreensivo, começou a procurar por uma vivalma que pudesse aterrorizar, temendo passar a noite em branco. De tempos em tempos passava por uma casa (com portas trancadas, evidentemente) em que dava para ouvir a televisão: o jogo já tinha começado. Ele até tentava espiar, mas sem sucesso. Só ouvia algum comentário do narrador e gritos dos moradores da residência, que torciam. O Terceiro Amigo do Clóvis acelerou sua busca, pois não tinha tempo a perder.

Nesse meio tempo, o Amigo 1 já tinha saído para seu destino. O problema é que, ao acelerar sua motocicleta numa avenida deserta, foi atropelado num cruzamento por um carro que estava envolvido em uma disputa de racha. Como ele não estava usando equipamento de proteção – e como foi atropelado por um veículo a mais de 220km/h, sendo jogado a muitas centenas de metros à frente, se esborrachando em uma parede –, acabou morrendo no local. Não conseguiria cumprir sua parte no plano de apavoreamento de cidadãos e na subsequente criação de uma lenda urbana.

Já Clóvis, em sua curta jornada até o bairro que teria a honra de ser ameaçado por ele, teve um pequeno revés: foi parado pela polícia, enquanto esperava que o semáforo vermelho para pedestres ficasse verde. Os policiais queriam saber o que aquele cretino estava fazendo com uma roupa tão assustadora e com aqueles apetrechos suspeitos – afinal, que cidadão de bem sairia por aí com cordas e bolas infláveis gigantes e idiotas? Clóvis ficou estático, tentando pensar em uma resposta convincente que lhe permitisse escapar daquela situação escabrosa.

Nesse íterim, o Terceiro Amigo do Clóvis, irritado, tirou a máscara e, assumindo a derrota, desistiu de seu ataque: correu de volta para casa, torcendo para ver o finalzinho do jogo. Infelizmente para ele, não chegou a tempo de ver os últimos lances da partida, mas, ao menos, seu time venceu o adversário e se classificou para as quartas de final da Libertadores. Na semana seguinte, no jogo que aconteceria em São Paulo, o rapaz foi ao estádio. Após seu time ser goleado, ele se revoltou, assim como outros torcedores, e se envolveu em atos de vandalismo pela cidade. Sua fúria e frustração eram imensas e só foram aplacadas quando o esquadrão de choque da polícia chegou e começou a espancá-lo. Por fim, ele foi apreendido e levado a um centro de detenção provisória. Lá, por

ironia do destino, encontrou Clóvis, o bate-bola, uma lenda local naquela cadeia: um rapaz idiota que fora preso ao andar fantasiado de noite e ao tentar fugir correndo da polícia – e tropeçando na própria corda no processo.

Ambos passaram agradáveis momentos juntos, até ocorrer a audiência de custódia, que permitiu que o Terceiro Amigo do Clóvis fosse posto em liberdade, enquanto Clóvis permaneceu preso, dada sua presumida periculosidade. O Terceiro Amigo do Clóvis até pensou em visitá-lo na cadeia algum dia, mas teve de adiar os planos sempre mais um pouco, por conta de seus compromissos rotineiros. Como, durante uma rebelião, o terrível bate-bola foi esquartejado e decapitado acidentalmente, o Terceiro Amigo do Clóvis nunca conseguiu visitá-lo. Uma pena, pois, poucas semanas depois deste óbito, ao se envolver em nova confusão nos estádios, o rapaz foi preso novamente – e, dessa vez, passou alguns anos na prisão. Anos que passaria na companhia de Clóvis, se ele não tivesse sido assassinado por engano, ao se filiar a uma facção criminosa diminuta e dedurar alguns presidiários para a guarda carcerária, em troca da redução de sua pena por bom comportamento.

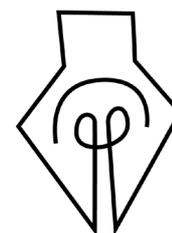
O Amigo 2, por sua vez, seguiu com sua vida normalmente e fez novas amizades. Nunca esfolou nenhuma criança, tampouco prendeu alguém em uma bola inflável gigante e idiota: jamais contribuiu, portanto, para a criação de uma lenda urbana assustadora. A coisa mais errada que ele fez em sua vida foi sonegar impostos. Teve uma existência longa e mais ou menos feliz, até que, um dia, morreu após um acidente vascular cerebral.


@pangeiaeditora
r3.editora.pangeia@gmail.com
+55 19 9 9907 7555

Confira informações e resenhas sobre **Laços e Avessos!!!**



O livro **Laços e Avessos**, de Flávia de Queiroz Lima, é poesia de alto labor, de refinada fatura, de densa invenção. Adquira o seu em editorapangeia.com.br/shop



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos



“O Caminho do Mal narra a complexa história de amor de Maria Noina, filha de proprietários de terras, e de seu servo Pietro Benu. Incapazes de encarar as contingências da divisão de classes, eles têm seus desejos contrariados pelos códigos sociais de sua época, acarretando autocensura, relações de ódio e a constante tensão entre as suas pulsões e as convenções da comunidade em que vivem. Esses sentimentos de atração e repulsa, paradoxalmente, os unem. Maria e Pietro se amam. E seu amor é possível somente se ambos seguirem pelo caminho do mal.”

Pré-venda no site da Editora Patuá: <https://bit.ly/3KN236V>
Tradução de **William Soares Dos Santos**

O caminho do mal

Grazia Deledda

Tradução, notas e posfácio
de **William Soares dos Santos**


PATUÁ
EDITORA

Brune Carvalho

Drone versus lupa

Atualmente a população da Terra atinge 8 bilhões de habitantes
7,8 bilhões de habitantes.

O Movimento pela Extinção Humana Voluntária
também conhecido pela sigla VHEMT
é um movimento ecológico cujo objetivo é renunciar à reprodução humana
de maneira a causar sua extinção de forma voluntária e gradual.

Você está sentada com as maçãs do rosto vermelhas e inchadas, como bexigas cheias de água, que vazam sem parar através da fresta que separa as pálpebras das córneas. Você ia me buscar quando eu era criança para brincar com seus filhos, que preenchiam o vácuo de irmãos que eu não tinha. O paralelismo entre primos é mais leve e desembaraçado do que a confinidade entre irmãos. Você se depara com meu tio estirado no chão da estreita cozinha, pensamentos ilegíveis.

Preciso tirar essa linguiça do congelador para ele jantar. O chão está muito grudento, eu espirrei o produto sem misturar com água, ele vomitou bem aqui, entraram com a maca, a Annie não parava de latir. A Lourdinha mandou mensagem, quem mais eu precisava avisar, as pessoas estão vendo que eu estou on-line. Vocês estão com fome? A vizinha trouxe moqueca, tem arroz na geladeira quer dizer no congelador, por favor tire a linguiça que ele ainda não jantou. Eu briguei com ele ontem porque ele não queria vir deitar cedo, ficou no sofá mexendo no celular e eu louca pra dormir. Eu falei que saco vem deitar logo, ele falou não aguento mais isso. Será que se eu não tivesse falado? A Marcia mandou áudio, pega um lenço pra mim, as pessoas estão perguntando onde vai ser o velório, a médica falou que pode demorar 4 horas meu Deus. Gastei 1500 reais com a Nini no veterinário só de anti-inflamatório foram 170, mas ainda está com muita remela. Eu pensei que ela fosse morrer. Estou com azia e fome ao mesmo tempo. 52 anos juntos, eu não quero sair dessa casa, por favor não me tirem daqui.



Valorizando a literatura
brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.
editorasinete.com.br



Editora
Penalux
Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br



Editora independente
e Estúdio Literário

- Edição e revisão de texto
- Capa e projeto gráfico
- Leitura crítica

contato@milpalavraspordia.com
www.milpalavraspordia.com

COMO EU DESTRUI A CENA LITERÁRIA DE BOA PARTE DA REGIÃO SUDESTE

Uma vez achei o livro de estreia de um amigo no balaio de 1,99 do meu sebo de estimação e por acaso abri na página do epígrafe, uma famosa citação de Shakespeare sobre horóscopo (“eu seria o que sou mesmo se a estrela mais virginal do universo iluminasse a minha bastardia”), já que o romance fazia várias referências à astrologia para falar veladamente, porém de forma solene, a respeito da vida banal do próprio autor. Achava curiosa a escolha daquela frase, uma vez que se tratava de uma declaração de dúvida do dramaturgo (na verdade de seu personagem Edmundo de Gloucester, em *Rei Lear*) quanto a eficácia da pseudociência mais popular dos nossos tempos.

O interessante é que na página havia uma dedicatória — cheia de palavras de gratidão — para o grande herói literário do meu amigo, um velho poeta. Ou seja, em algum momento esse autor consagrado, mais famoso por seu comportamento abusivo, que na época em que construiu sua reputação era confundido com temperamento artístico, resolveu se desfazer do livro que seu maior fã tão amorosamente lhe dedicara. E que o poeta, a julgar pelo excelente estado do exemplar, provavelmente nem havia folheado.

Fiquei na dúvida sobre contar para o meu amigo. Aquilo seria um tremendo golpe na sua autoestima, não só por conta de seu apreço pela obra do sujeito como pelo fato de ter usado as palavras de elogio genérico que o poeta dedicara ao seu primeiro romance no material publicitário do segundo livro. As palavras: “Fulano (meu amigo) apresentou uma das estreias mais potentes do ano”.

Engraçado que mesmo na mentira ele evitava se comprometer demais com seu elogio falso — circunscreveu a excelência do livro a um determinado período de tempo (trezentos e sessenta e cinco dias), limitou a uma determinada categoria (romances de estreia) e nem ao menos se arriscou a nomear o manuscrito o melhor do ano naquele nicho, mas apenas um dos melhores. Resolvi esquecer aquele assunto e saí do sebo para voltar ao trabalho, meu intervalo do almoço estava quase acabando.

Mais tarde voltei a pensar naquilo. Nem muito mais tarde, foi pouco depois que cheguei no escritório. Eu também era escritora, não estava feliz no meu trabalho, não tinha por que defender meu amigo das decepções da vida e, pensando, bem, meu amigo nem era tão amigo assim. Já tinha visto muitos casos parecidos de complacência masculina, onde nem a falta de admiração pela obra do outro impedia o velho sistema de bajulação mútua — que é a mola de propulsão de muitas carreiras — de funcionar.

Mas eu não queria falar diretamente com ele, talvez porque soubesse que não conseguiria evitar transmitir a notícia com um certo tom de satisfação mórbida. Além do mais, nossa falta de intimidade tornaria difícil soltar a informação em uma conversa casual, já que precisaria inventar algum motivo pra poder dar início a tal conversa. Fiquei pensando se havia alguém em quem confiasse e que pudesse falar por mim, mas logo desisti da ideia: explicar por que motivo não queria contar diretamente me parecia mais cansativo do que assumir a autoria da denúncia. Então fiz algo que me deu ainda mais trabalho: voltei ao sebo, comprei o

livro com a dedicatória e mandei para o meu amigo (status agora sub judice) de forma anônima, por meio de um endereço de caixa postal.

Pude acompanhar o resultado do meu gesto pelas redes sociais, nas postagens passivo-agressivas do escritor traído, algumas delas disfarçadas em citações de autores cuidadosamente escolhidos para exibir ao mesmo tempo erudição e descrença na humanidade. Não sei se ele chegou a cobrar alguma explicação do velho poeta, mas deixou de segui-lo em todas as redes que utilizava para divulgar sua obra e postar exemplos bem escolhidos de seu bom gosto bem estudado. Saboreei em silêncio o desfecho da minha maquinação, ainda sem imaginar que adquirira um novo vício.

Porque eu não precisava parar ali. Os sebos estavam cheios de livros de escritores da minha geração, muitos comprados por amigos no lançamento e descartados na primeira mudança, e certamente entre eles haveria dedicatórias como aquela, com agradecimentos sinceros a outros escritores, agentes e editores — de graus variados de sucesso e intimidade — que costumam formar boa parte do público das noites de autógrafos.

Comecei minha procura pelos sebos do centro. É bem fácil achar livros de novos autores, geralmente suas lombadas coloridas e intactas se destacam entre as tiras de papelão e couro descosturadas das encadernações mais velhas. Quase todos têm dedicatórias, não apenas pelo motivo que já mencionei — que o autor costuma conhecer pessoalmente grande parte de seus leitores —, como também porque a maior parte das vendas é feita na noite

de autógrafos mesmo.

Portanto não era uma tarefa muito complicada, a minha. Depois de bater três estabelecimentos, fiz meu primeiro achado: o livro de um escritor estreante que só conhecia de entrevistas, mas dedicada a uma jovem editora que conhecia muito bem, e detestava. Foi difícil conseguir o endereço do escritor e cheguei a pensar em deixar o embrulho com o dono do bar infecto onde ele posava de maldito com seus colegas de geração e ofício. Mas acabei descobrindo que morava em um apartamento em um condomínio de classe média alta — e talvez por isso tenha sido uma tarefa complicada, porque não era o tipo de informação que ele achava interessante compartilhar nas tais entrevistas. Nem que o apartamento, óbvio, era só mais um na vasta coleção dos seus pais.

O desfecho foi ainda mais interessante do que o da primeira experiência. O escritor estreante não quis saber de indiretas e publicou um texto enorme falando sobre como o mercado editorial brasileiro era comandado por fariseus como a jovem da dedicatória, que mal estreara no meio e já tinha os vícios desse, daquele e daquele outro velho profissional da área. Enfim, não economizou nomes e com isso carimbou o passaporte para garantir uma trajetória oscilante como escritor marginal, em prejuízo de seu projeto anterior de ser um escritor marginal, mas com a chancela de gente como a jovem editora.

O texto teve muita repercussão entre o grupo pequeno de pessoas que sabiam de quem ele estava falando, principalmente por conta do teor agressivo. O ambiente literário no Brasil

costuma ser muito aborrecido, salvo duas ou três polêmicas anuais travadas no Facebook ou nos cadernos de cultura, mesquinhas pontuais que nunca esbarram nos grandes problemas que realmente afligem a paisagem cultural brasileira: tráfico de influência, nepotismo, fisiologismo. Nesses aspectos, nossa classe artística e política se parecem. A cena se sustenta em delicadas relações de dependência e não é considerado de bom tom balançar o barco, e por isso mesmo o desabafo teve um número razoável de compartilhamentos, a maioria de pessoas chocadas com o baixo nível do debate.

Não me senti culpada por incentivar algumas desavenças, achava que, na verdade, estava prestando um serviço. Escritores sempre costumam fazer a defesa ferrenha da honestidade enquanto ferramenta da literatura, e pra mim expor a hipocrisia de suas relações pessoais podia ser de grande ajuda para que pudessem se livrar dessas amarras.

Os envios seguintes causaram toda sorte de dano: mais amizades desfeitas, mais mensagens cifradas ou explícitas nas redes sociais e talvez um casamento desfeito — menos mal que de um casal sem filhos. Mas logo aconteceu o que eu esperava: os receptores das obras devolvidas começaram a falar um com os outros e surgiu o rumor de que um espírito de porco estaria mandando livros adquiridos em sebos para seus próprios autores, querendo criar intrigas.

Logo o rumor tomava forma de

nota numa coluna de jornal, daquelas que não citam nomes e causam mais ruído ainda. Escritores que nada tinham a ver com o resultado do meu garimpo foram citados aqui e ali como possíveis vítimas ou autores da brincadeira, o que causou um estrago até maior, como o de uma bomba de fragmentação.

Mas eu já havia decidido parar com o meu jogo sádico. Dava muito trabalho e confesso que teria sido mais feliz se pudesse assumir a elaboração do atentado sem prejuízo da minha reputação; minha vaidade vinha implorando por esse gesto suicida. Também ocorreu que pouco tempo depois recebi uma resposta positiva sobre um original que mandei para uma grande editora — não que as coisas estivessem diretamente relacionadas, que agora estava satisfeita com a máquina de consagração literária que me absorvera, mas realmente a notícia me deixou menos propensa a perder tempo com trotes e pegadinhas. Fora que agora estaria ocupada lidando com os caprichos de um editor que por acaso esteve envolvido em uma das polêmicas que comecei.

Continuei frequentando sebos e encontrando livros de novos autores, com uma diferença: muitos deles com a página da epígrafe, ou aquelas páginas em branco geralmente usadas para escrever a dedicatória, devidamente arrancadas.

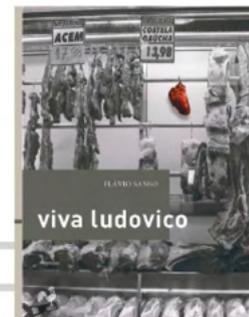
Acho que poucas vezes me senti tão recompensada na minha vida. É que eu sou de Escorpião.



breve ato de descascar laranjas, livro de estreia de Bianca Monteiro Garcia, constrói uma poética do luto, da loucura e da clausura. Esse tripé temático envolve a obra, através de poemas cotidianos que contam uma história: conversa com os leitores sobre a morte de um pai e de uma avó, sobre uma internação psiquiátrica e sobre um enclausuramento forçado pela pandemia (e pelos próprios elementos do luto e da loucura). Dividido em quatro partes, é pensado esteticamente a partir da cor azul e do processo de cianotipia: com as páginas azuis e letras brancas (ou o oposto) e com fotos impressas em cianótipos, fazendo com que a fotografia se realize na cor ciano, ele nos leva a uma melancolia que deseja se transformar em resistência e memória. O prefácio é de Martha Alkmin, professora e pesquisadora da UFRJ; o posfácio, de Regina Azevedo, poeta; e a orelha, de Simone Brantes, também poeta.

Sobre a autora: Bianca Monteiro Garcia nasceu em 1994, no Rio de Janeiro. É editora da Macabéa Edições e da Taioba Publicações, formada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *breve ato de descascar laranjas* é seu livro de estreia.

www.macabeaedicoes.com
Macabéa Edições e 7letras
@macabeaedicoes
R\$55

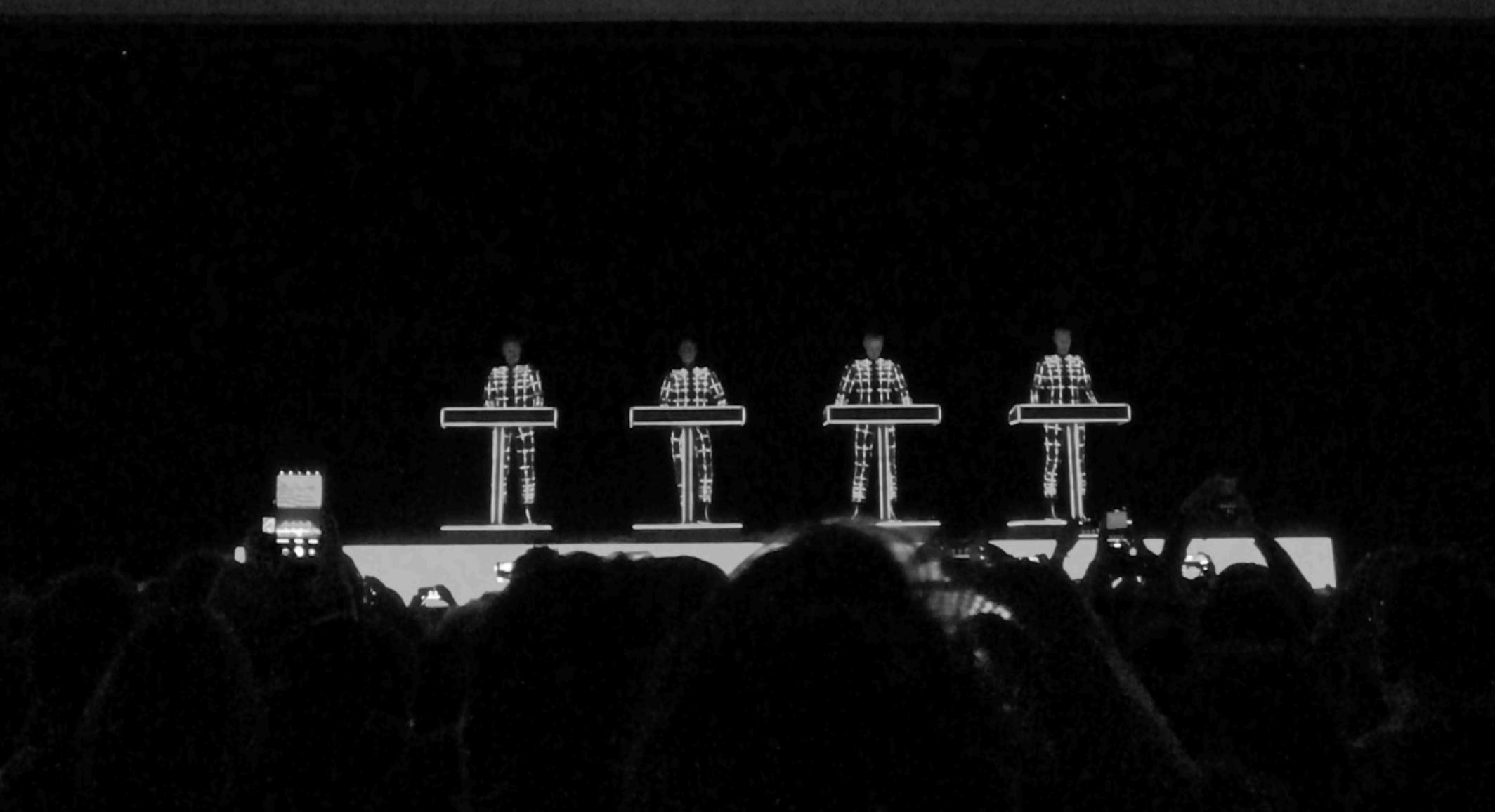


Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

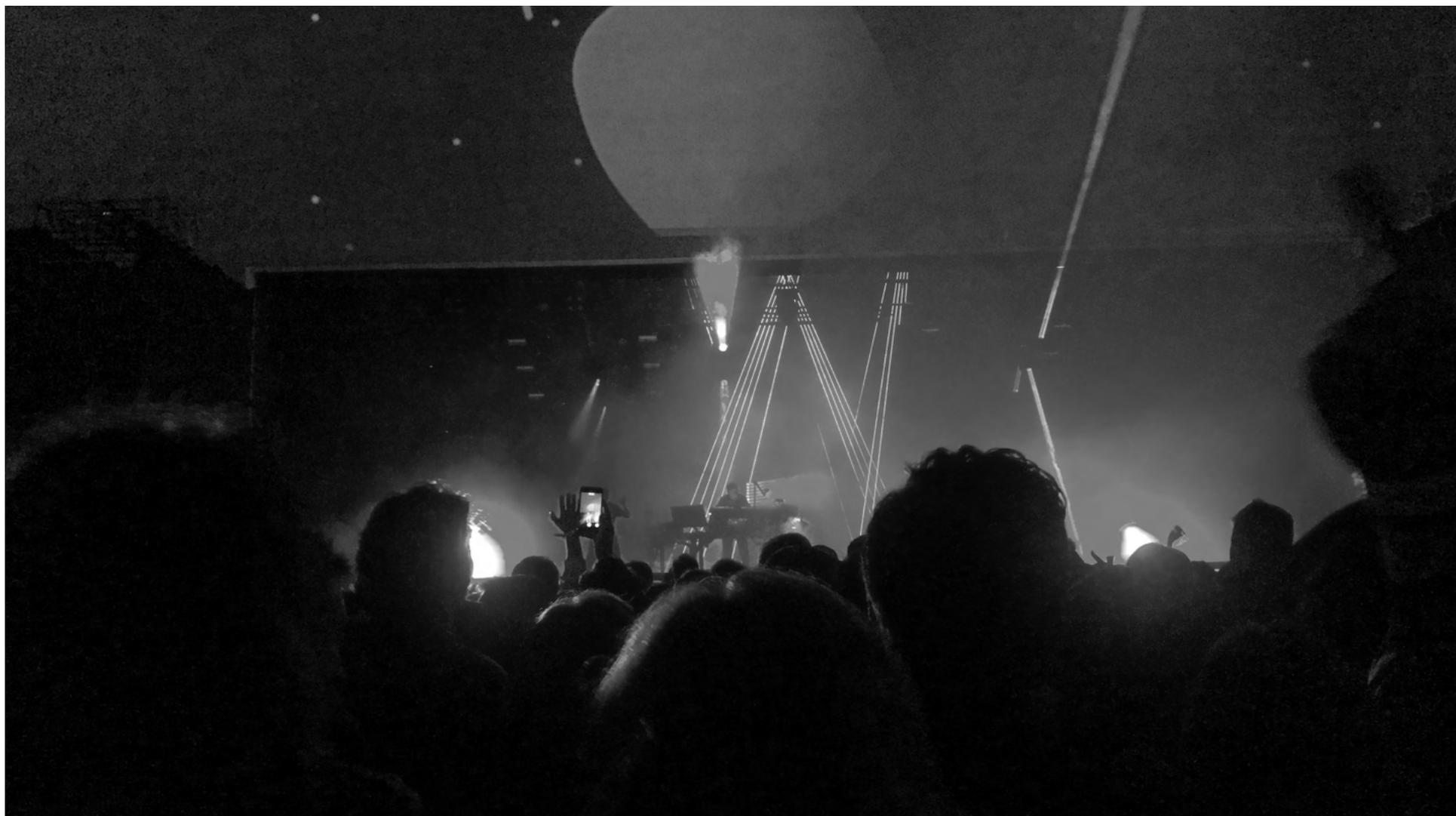
Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

0101010000400300034000
20003041200303122313000
22303040402014324103034
010304314200431041100301
030000033000002130001241
240320033034042010001340
004010000332000102003000
333001210100000234122422
000013304200130040020431
1310000022022032004000
2113030032010234203130
00020222010314000230
0000002000000000000000



C6 FEST: o coração das trevas, robôs em delírio

Bem-vindos ao mais recente e completo RolêvO, sob as batidas dos fundadores das batidas e com mais uma série de impressões desimportantes. Para encontrar Jornalismo de qualidade, procure em outro lugar!



Com ares de happy hour de firma da Faria Lima, o primeiro dia de C6 Fest, que ousou começar em plena tarde de uma sexta-feira comercial, estava vazio. Ao chegarmos ao Ibirapuera sob um auspicioso pôr do sol e reclamando protocolarmente do trânsito, a sensação era de que não havia nada de diferente por ali – até porque alguns corredores pagavam suas diárias musculares e diversos casais caminhavam com seus cães bem tosados pelas pistas do Parque. No fim e como balanço afetivo, veríamos que este aspecto de exclusividade seria o ponto alto do festival ao longo do final de semana.

Pudemos observar que o baixo público – ora de nicho ultraespecífico, ora de gente caída de paraquedas, ora de influencers que não sabiam a diferença entre Kraftwerk e

papel kraft – fez o festival operar numa frequência singular e surpreendente em muitas frentes. Nesse contexto de quem começa a explorar um território novo e a entender como se consomem as coisas, adentramos a Tenda Heineken, repleta de quiosques de drinks e comidas, além de árvores cobertas como se fossem blocos de pedra da Ilha de Páscoa, para assistir a uma das atrações mais promissoras de todo o *line-up*: a britânica Arlo Parks, uma das mulheres mais *fofas* e carismáticas do mundo (não confundir com Arvo Pärt nem com Linkin Park).

Antes, porém, nos aventuramos pelo som da banda inglesa Dry Cleaning, uma dessas experiências pós-punk modernas que raramente passam do primeiro álbum. Ainda que fizesse um show para no máximo

400 pessoas, o grupo liderado por Florence Shaw serviu como um interessante ponto de partida da turma Relevense, e com louvor. Por volta das 19h, estávamos todos cientes de que, para comprar bebida, era preciso fazer uso do cartão ZigPay e abastecer de créditos, que seriam descontados nos quiosques ou com pessoas com hastes nas costas e biqueiras individuais de chope. Talvez não seja necessário explicar como isso pode irritar o cidadão que fica com dinheiros a ver depois do festival por ter se perdido nas contas (nota: o saldo é reembolsável. Outra nota: com uma taxa de R\$ 10).

Enquanto comprávamos uma Heineken 0 (que, com tristeza, depois percebemos ser distribuída *de graça* em estandes promocionais), a voz de Florence

Shaw começava a esquentar um público ainda morno, que se amontoava para a atração principal e deixava a tenda com uma atmosfera de “o que está acontecendo aqui?”. Às 19h25, finalmente, a voz de anjo de Arlo Parks rompeu o marasmo local e comandou a primeira noite do C6 Fest. Cantora, compositora e poeta, Parks trouxe seu pop jazz autêntico e grudento. Se você não a conhece pelo nome, ‘Too Good’ certamente já tocou no seu rádio (ou TikTok).

Depois disso, deixamos Christine and the Queens de lado e fomos dar uma boa volta pelo festival. Na pista Pacubra, os DJs da Gop Tun tinham seu momento de inferno astral, reforçando qualquer ditado que você prefira sobre sucesso e fracasso ou festa que não deu boa. Se semanas antes

eles esbanjavam liderança em seu próprio festival, na primeira noite do C6 Fest não passavam de um nome avulso inexplorado pelo público, a ponto de passarmos pelo espaço e nos perguntarmos se realmente tinha começado ou se era apenas uma passagem de som.

Com horário antecipado (de 0h para 20h [!]) e diante do baixo público, eram prestigiados por meia dúzia de entusiastas – como as festas do RelevO, mas sem a visita da polícia. Em compensação, o espaço, repleto de puffs, proporcionava um descanso fundamental para aqueles que chegavam de mais de seis horas de ônibus e pensavam na economia de energia. Logo depois, passamos pelo auditório interno completamente lotado e conferimos Mônica Salmaso com a Orquestra Ouro Negro. Aos poucos, a noite avisava a necessidade de descanso: sábado seria O Dia.

Rastejar pela lâmina de uma navalha

No sábado, chegamos mais de uma hora antes do início do show do Model 500, do pioneiro Juan Atkins, já respirando a expectativa pela apresentação do Kraftwerk, marcada para 19h20. Apesar do *mood* techno malvadão, bom para anunciar o fim das luzes do dia, as pessoas, a maioria de 30+, começavam timidamente a se aglomerar em frente ao palco externo para conferir de perto uma das maiores bandas de música eletrônica de todos os tempos. De véspera, nos sentimos como a criança que vai pela primeira vez ao estádio.

Boing, boom, tschak. Kraftwerk é simplesmente uma experiência sublime. O máximo do mínimo. Gênios não se envergonham de autoplágio, da autorreciclagem extrema. E o Kraftwerk – a essa altura, basicamente Ralf Hütter mais três sócios-torcedores rotativos do Fortuna Düsseldorf – abraçaram a repetição de catálogo como parte de suas engrenagens.

A própria aposentadoria das composições é muito mais um sinal de elegância, de “era isso aí que tínhamos a dizer, o resto já não nos interessa tanto” do que desgaste. Com a carteirada de precursores *de tudo que está aí*, eles (ou ele) poderiam encher o bolso proferindo obviedades sobre inteligência artificial, robôs, chips, Elon Musk grávido de um cavalo etc., ou enchendo o saco como um Roger Waters em qualquer dia da semana. Mas não. Eles se retiraram em sua masmorra misteriosa e, *klingsklang!*, apenas esporadicamente se preocupam em refinar (revisitar) o que outrora pariram.

É preciso deixar claro que ninguém tem *certeza* sobre o que esses senhores

fazem em cima do palco. É fato que eles *sabem* tocar suas composições, afinal todas elas emergiram em contexto analógico (ou a maioria, até a década de 1980 – incluindo o *Computer World*, ironicamente), cabendo à própria banda inventar suas ferramentas e aperfeiçoá-las a ponto de representar o que ela queria. E o que Kraftwerk queria representar?

“Estrada”. “Trens”. “Radioatividade”. “Vitamina”. Veja, não se trata de “eu gosto de trens” ou “trens existem”. Apenas “trens”. Não sabemos de que forma a tessitura cósmica reuniu (principalmente) dois alemães estranhos (mesmo para alemães) a ponto de eles criarem uma linguagem própria, de significantes extremamente complexos para significados tão estupidamente concretos. O máximo do mínimo. E, naturalmente, nada de estúpido. Sublime.

Os 75 minutos de show, curtíssimos, foram uma das experiências musicais mais avassaladoras da vida dos envolvidos neste Jornal – e, acreditamos, de todo o resto do público, que contemplava as animações retrofuturistas projetadas no fundo do auditório de Oscar Niemeyer. Talvez devêssemos *tentar* explicar, mas não faz sentido. Todos conhecem o *setlist* de cada turnê, que varia muito pouco. Existem, sim – indubitavelmente –, variações ao vivo, o que nos alivia diante da possibilidade de, vai saber, quatro senhores só apertarem o *play* vestindo lycra fosforescente e rirem da nossa cara (em alemão!).

Do que também estamos convictos – e, olha, fomos em uma turma grande, de esnobes de todos os tipos, incluindo bons *sommeliers* de DJ – é a qualidade permanente do som, que nem por um segundo tem valor meramente simbólico, de volta olímpica, aquele culto oco e deprimente por um legado que não se sustenta. De jeito nenhum. É soco na cara e meditação; contemplação e hiperatividade; pés no céu e cabeça na grama. Tecnicamente perfeito – uma máquina! No lado positivo do fato negativo, a brevidade da apresentação fez com que Hütter e demais *rabótniks* mantivessem tudo lá em cima 100% do tempo, cortando as ondas mais lentas. Não houve tempo para respirar. Foi marcação na área do adversário e recuperação intensiva da posse de bola.

Kraftwerk é o apogeu da melodia e da textura, dois elementos potencializados ao vivo. É um sopro de Deus, robô ou não. Ter testemunhado aqueles 75 minutos é uma dádiva pela qual seremos gratos até o fim dos tempos. *Booing, boom, tschak.*

Everything, everything, everything

Depois do Kraftwerk, já era perceptível certa melancolia, nostalgia, fim da bateria de muitos espectadores. Até voltamos a lembrar das rodinhas de espectadores que não paravam de falar durante as músicas e de filmar absolutamente tudo. Muitos, aliás, simplesmente foram embora, como se pensassem: “por hoje, deu”. E talvez não estivessem equivocados. Lembremos também que acabou a água dos banheiros.

A experiência pulsante, excitante, centrífuga do Underworld veio para libertar as últimas trincheiras da consciência. Era como se assistíssemos à final da Copa de 70 pelo viés dos jogadores em campo. Assim como o Kraftwerk, a lista de clássicos era conhecida, começando com a acelerada ‘Juanita’ e encerrando com a reta de circuito de automobilismo ‘Born Slippy’, mesmo que, para muitos, eles sejam apenas “aquele duo das músicas de *Trainspotting*”.

O Underworld trouxe ao palco uma experiência próxima aos rituais de drogadição de nossos ancestrais. Ritmo, ritmo, melodia, melodia, intensidades com momentos de obscuridade e de muitas luzes. De ‘Dark and Long (Dark Train)’ a ‘King of Snake, pudemos resgatar aquela sensação sempre buscada pelos amantes de música – ou clubbers, como se dizia nos anos 1990 –, isto é, o entusiasmo com o lirismo.

Pois os britânicos (de Gales, que se fosse um país sério não precisaria se intitular “País de” Gales!) promovem o que não temos receio de definir como viagem ao centro da Terra da música eletrônica. Karl Hyde e Rick Smith emendaram uma sessão de bombas, Hyde atravessando o palco como quem crava uma estaca no peito da plateia e depois acaricia: frenesi, atenção, recomeço, aceleração. Experiência de gravidade zero.

Para uma parte da caravana do RelevO, o Underworld simboliza uma apresentação inicial à transcendência pela repetição, isso de buscar o mínimo elegante, como ‘Rez/Cowgirl’, a ambição de conectar-se ao outro pela linguagem não explicitamente dita, uma comunhão sem palavras ou exageros, ou pensarmos pelo ângulo do exagero mínimo. A apresentação das nove músicas espalhadas pelos mais de 30 anos de carreira entregou o que se esperava, como chegar a um pico da montanha e pensar “realmente, é isto”.

Depois do Underworld, restava um palco – um ambiente legal, inclusive. Nele, uma festinha começava a crescer,

diante do fim de todos os shows. DJs, música, luzes; nada anormal. Mas era apenas uma festa, e ouvir música – música *alegre* – depois de Kraftwerk e Underworld parecia uma ofensa. Havíamos acabado de descer ao coração das trevas, então tudo aquilo parecia uma simulação malfeita. Não havia nada de errado com o ambiente em si (não obstante a presença de alguns figurantes de *Succession*, o tipo de paulistano caricato que deveria estar num “rolê no Ibirá, mestre”). Desolado, sem chão, sem pai nem mãe, a satisfação alheia nos incomodava num grau moral, fenomenológico, metafísico. *Não* estar desolado configurava um desrespeito, e assim fomos embora – sem ter compreendido, nem por um segundo, que caminho seguir ao longo dos palcos e da própria saída. No quarto onde dormimos, enxergávamos formas no papel de parede e assistimos a um show completo do Kraftwerk no YouTube. Quando as formas sumiram, conseguimos dormir.

Toda arte é uma confissão

Dois terços do RelevO contemplaram Caetano Veloso – que se atrasou – enquanto consumiam Heineken 0 gratuitas (lição aprendida) para refrescar e viver a deliciosa sensação de *vantagem*. Um terço ficou até o fim; outro foi conferir Weyes Blood desde o início. E, olha, ainda pisoteado emocionalmente pela noite anterior, foi bonito testemunhar este octogênio (!) pincelar um pouco de cada fase da carreira no palco aberto do Ibirapuera. Crianças corriam alegres; senhores cantavam afinados; famílias assistiam sentadas na grama. Com vitalidade, banda digna da lenda e um cabelo *esplendoroso*, Caetano passou por ‘Baby’, ‘Sozinho’, ‘Leãozinho’, ‘You Don’t Know Me’ e encerrou com ‘Odara’. Foi o suficiente para enxergar alguma luz após a orfandade de sábado.

O som da americana Weyes Blood é conhecido por ser uma “imersão triste em meio à água”. Assistindo ao show, entendemos por quê. Vestido branco longo, cabelo de elfo, voz de fada, projeções aquosas e um completo estado de melancolia fazem da apresentação dessa multi-instrumentista americana uma das mais interessantes de se ver ao vivo.

Em determinado momento, ela – que por sinal se chama Natalie – perguntou ao público quem ali acreditava em astrologia. Os fãs se mostraram divididos nas respostas (traço tipicamente geminiano!, ou algo assim). A sra. Blood levou na brincadeira e afirmou que “não importava a resposta,



dali em diante adentraríamos a uma nova galáxia”. Foi então que ‘Andromeda’, faixa preferida deste Jornal, começou a tocar. Todos os celulares começaram a filmar o que parecia ser uma levitação da fada.

O show terminou com uma bela projeção de águas tomando conta da cantora no palco, um mergulho completo no submundo da melancolia. Se nem todas as músicas encantam, a apresentação valida o hype. Bela experiência.

Domingo estava chegando ao fim, e um dos terços do **RelevO** estava pronto para descarregar toda a emoção no que considerava o segundo show mais aguardado do festival. The War on Drugs tem um estilo peculiar: a banda se equilibra bem numa linha tênue entre o rock susse de tiozão beirando os 50 e um indie progressivo que conquista jovens blasé que já superaram o rock. Com um setlist enxuto, que frustrou os fãs mais apreensivos do final de semana – ao menos proporcionalmente, uma vez que se concentravam naquela tenda –, os americanos de Filadélfia aqueceram os corações das diferentes safras de geração Y.

‘An Ocean in Between the Waves’ explodiu logo depois da introdução. A partir daí, solos românticos de guitarra eram tomados como gostosos abraços. A decepção ficou apenas com a ausência de ‘Thinking of a Place’, uma pancada perfeita de 11 minutos, que, como Ronaldinho Gaúcho em 2010, ficou fora da convocação – e que eles haviam tocado um dia antes no Rio. Ainda assim, a banda finalizou a noite com ‘Under the Pressure’ (não confun-

dir com ‘Under Pressure’), um momento lindíssimo que coroou a bela apresentação redondinha, afinada, infelizmente muito curta – um dos problemas dos “semipocket” shows do C6 Fest.

(Um contra-argumento: o outro terço do **RelevO** que prestigiou War on Drugs achou tudo muito enfadonho. Músicos competentes correndo pouco risco em uma proposta redonda demais, afinada demais, americana demais. *Then again*, a ressaca de Kraftwerk + Underworld ainda ecoava. De todo modo, diante do contraste, seguimos preferindo apenas Drugs, embora tenhamos gastado essa piada ao longo dos três dias de festival.)

Por fim, o auditório. Chegamos – semivivos – a tempo de ver boa parte do show dos prodígios Domi & JDBeck, um *duo* extraordinariamente jovem (ela, francesa; ele, americano) que assusta – literalmente – pela qualidade técnica. Dois polvos com cara, humor e desprendimento de geração Z destruindo no piano e na bateria como veteranos consagrados. A apresentação encantou o auditório do Ibirapuera, que certamente dispunha do público mais segmentado de todos (ali só tinha a nata da nata; gente cuja língua materna é a partitura; colecionador de disco em edição limitada do Japão – todo tipo de arrombado qualificado. Adoramos, apesar de nos sentirmos uma fraude).

O show seguinte, The Comet Is Coming, era imperdível. Banda londrina meio jazz, meio eletrônica, totalmente pancada na cabeça. E, bom, perdemos. Já passava da meia-noite de domingo e não

havia mais um sopro de alma em nossos corpos. Também estávamos em São Paulo, oras, onde toda logística toma muito tempo. Pior: fomos embora porque sabíamos que gostaríamos, então cortar pela raiz seria a melhor solução. Mas não seja por isso! O chatGPT inventou nossa experiência:

Os acordes da fusão inebriante entre jazz e música eletrônica ecoavam nas paredes do auditório, criando um ambiente cósmico, onde os limites do imaginário se desvaneciam. Shabaka Hutchings, o virtuoso saxofonista, dançava com seu instrumento, arrancando notas que pareciam brotar de uma fonte divina. Seus solos ardentes entrelaçavam-se com os teclados enigmáticos de Danalogue, que adicionavam uma camada de mistério ao espetáculo, como se estivessem revelando segredos ocultos do universo.

A noite no Auditório do Parque Ibirapuera foi mais do que um simples show, foi uma experiência existencial. The Comet is Coming nos provou que a música é capaz de transcender as fronteiras do real, de nos levar a um estado de suspensão, onde as emoções se misturam em uma catarse coletiva.

Ah, como Nelson Rodrigues bem disse: “Toda arte é uma confissão”. E nesse show extraordinário, The Comet is Coming nos confessou sua genialidade, sua ousadia musical e sua capacidade de nos transportar para além das convenções. Foi uma noite em que a música e o cosmos se encontraram, em que fomos agraciados com um espetáculo celestial, eternizado em nossas memórias.

We are the robots, carai. Obrigado e até o próximo RolêvO!

007 e o Gângster Ciumento

Aqueles familiarizados com a quadrilogia de Los Angeles do escritor **James Ellroy** (1948) talvez conheçam o protagonista da nossa história de hoje – e não me refiro ao 007.

Vamos ao contexto: entre a segunda metade da década de 1980 e a primeira de 1990, Ellroy resgatou a literatura policial *noir* e escreveu quatro romances que se passam em Los Angeles, entre 1946 (*Dália Negra*) e 1958 (*Jazz Branco*).

Todos misturam pessoas e casos reais com personagens e resoluções fictícias; aquilo que pessoas normais chamam de ficção histórica; e teóricos pós-modernos, de alguma outra coisa.

- No Brasil, os quatro foram publicados na Coleção Negra da Record, facilmente encontráveis em sebos. O editor se encontra no terceiro (e *a-man-do*). Acima de tudo, trata-se de obras com caracterização invejável: amamos acompanhar seus personagens extremamente falhos.
- Terceiro, por sinal, adaptado no filme *Los Angeles: Cidade Perdida* (1997). No momento, disponível no Prime Video.
- Quem já jogou *L.A. Noire* também conhece boa parte desse universo, considerando como o jogo se inspirou na literatura *noir* e, especificamente, no trabalho de Ellroy.

Pois bem, assim chegamos em **Johnny Stompanato**, um gângster com nome de caricatura. Stompanato serviu à Marinha Americana no Japão durante a Segunda Guerra, converteu-se ao Islamismo para se casar com uma turca, teve um filho com ela, abandonou ambos

e rumou a Los Angeles em 1947. Então viveu, ou melhor, correu por um outro casamento, que durou três meses.

Stompanato se estabelecerá como proprietário de uma humilde loja de cerâmica e esculturas em madeira, mas, sabe-se lá como, manterá um vínculo com o poderoso gângster **Mickey Cohen**, ex-boxeador baixinho (1,65 m) crescido em meio à máfia judaica de Nova York e estabelecido em Chicago – mas já deslocado para Los Angeles.

A partir desse encontro, Stompanato fará algo mais dinâmico que administrar cerâmica, consolidando-se como braço direito, guarda-costas e matador de aluguel de Cohen, líder do crime local. Ambos são figuras frequentes na quadrilogia de James Ellroy, com grande participação no segundo, *O Grande Deserto* (1988).

A vida de Johnny Stompanato é cheia de histórias curiosas, bem como a sua morte, isto é, esfaqueado pela enteada de 14 anos, que defendia a própria mãe – ninguém menos que **Lana Turner** – dos ataques do mafioso.

E como um gângster truculento chegaria a namorar Lana Turner, grande estrela da Era de Ouro de Hollywood(land)? Um misto de sorte (azar), oportunidade e decadência da atriz, que, como podemos imaginar, viveu altos e baixos com o sujeito.

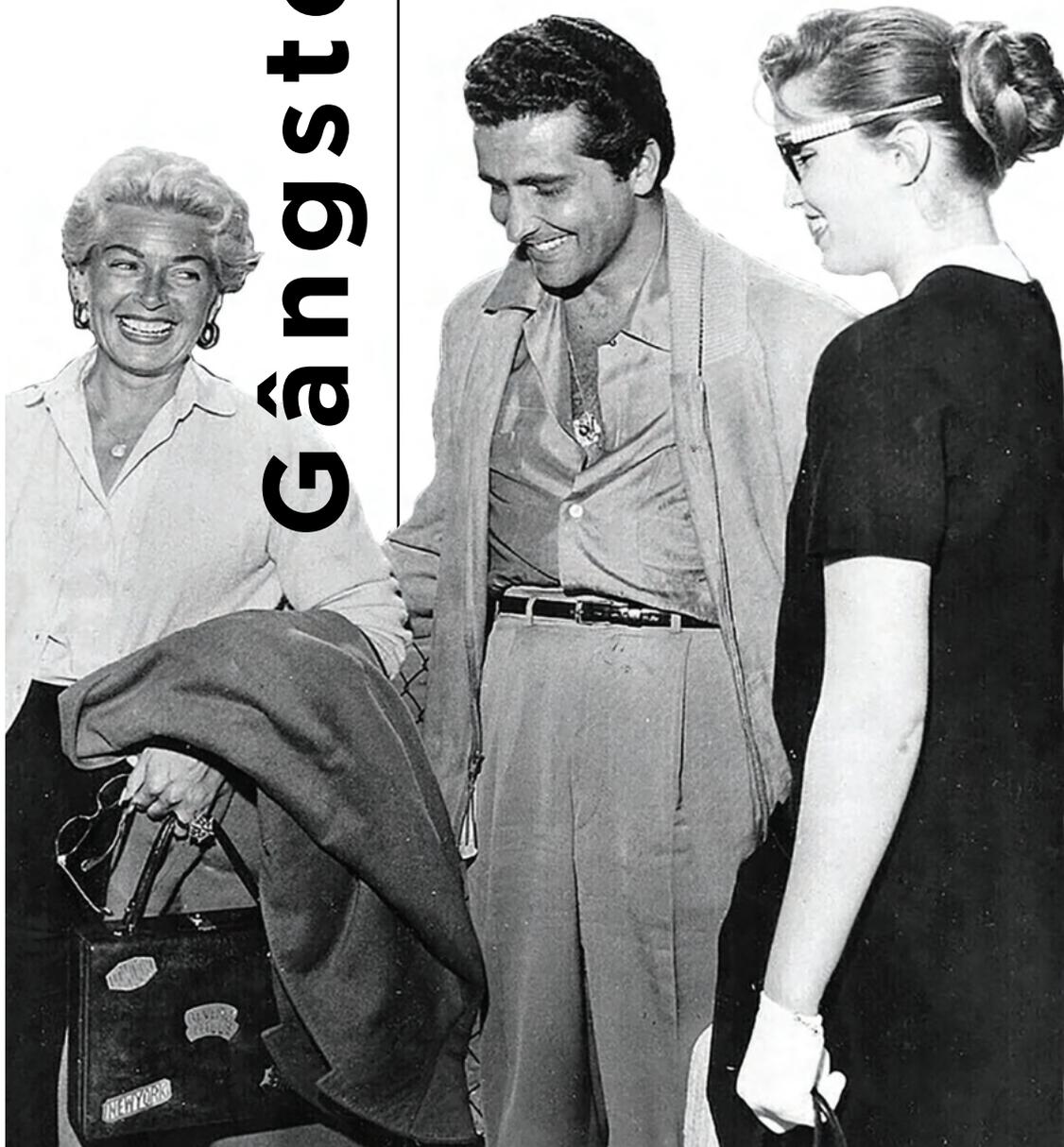
Até o momento, nada do que relatamos chega perto de um James Bond, não é mesmo? Pois bem, em 1957 (portanto, para fins cronológicos, anos antes do primeiro filme de 007), Lana Turner gravava *Vítima de uma Paixão* (*Another Time, Another Place*) com Sean Connery na Inglaterra.

Stompanato não gostou da ideia de ver sua namorada contracenando com um grandalhão (1,88 m) escocês, muito menos dos rumores de que eles teriam um *affair*, e fez aquilo que lhe parecia coerente: voou para a Inglaterra armado e ameaçou o ator dentro do *set* de filmagem, em Hertfordshire. Não sem antes ligar para Turner e ameaçá-la (e, obviamente, ouvir – e ignorar – apelos para que não causasse nada disso).

Acontece que, além de grandalhão (e escocês), Connery era faixa preta em karatê e tinha história como *bodybuilder*. Stompanato não teve chance: seu braço armado foi torcido pelo futuro James Bond, que, enquanto neutralizava o risco do tiro, desferiu-lhe um soco suficiente para acabar com a brincadeira ali mesmo. A partir daí, a história virou problema da Scotland Yard, que deportou um gângster humilhado.

- *O desempenho de Connery no embate foi tão supremo que o agente Milton Bolotti, estupefato, logo telefonou à Eon Productions e cravou: “temos o nosso protagonista para os romances de Ian Fleming”.* Ok, essa parte a Enclave inventou 100%. Não repassar.

Johnny Stompanato seria assassinado logo no ano seguinte, mas **Cheryl Crane** – a filha de Turner – acabaria inocentada em um caso escandaloso e tremendamente documentado. Mickey Cohen arcou com os custos do funeral e divulgou cartas de amor trocadas entre Lana Turner e seu escudeiro, tentando melhorar a imagem do morto.



E N C L A V E

a newsletter do **Jornal RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevO.com/enclave>>

Descubra onde
tem hiperlink:



Tradução de Erlândia Ribeiro

Destruição e criação: quatro cartas de Alejandra Pizarnik à Leon Ostrov

Alejandra Pizarnik (1936–1972) é uma das vozes mais importantes de que se teve notícia no cenário literário argentino. A autora, já aos dezenove anos, publicou *La tierra más ajena* (1955), seguido dos poemários *La última inocencia* (1956), *Las aventuras perdidas* (1958), *Árbol de Diana* (1962), *Los trabajos y las noches* (1965), *Extracción de la piedra de locura* (1968) e *El infierno musical* (1971). A autora também escreveu crítica literária, teatro e ensaios, além de contribuir em importantes revistas literárias da época. As obras publicadas postumamente são *Prosa completa* (2003), *Poesia completa* (2003), *Diarios* (2003) e *Correspondencia Pizarnik* (1998), livro que utilizei para fazer as traduções das cartas aqui apresentadas.

As quatro cartas aqui escolhidas de Pizarnik à Ostrov revelam uma face da autora que comunica além de um conteúdo missivo, dando conta depois de que alguns trechos das cartas compõem seu próprio diário. Tal liberdade nas correspondências talvez se deva porque o destinatário era seu psicanalista. Ostrov acompanhou a autora em seu escritório durante alguns anos e a amizade entre os dois continuou, tendo a autora dedicado o livro *La última inocencia* (1956) a ele.

A preciosidade dessas cartas se dá na medida em que a autora encara um novo mundo e a si mesma. É a época em que Pizarnik chega a Paris e trabalha para a revista de amigos escritores, como Julio Cortázar. Essa descoberta de si implica também na descoberta ainda maior de sua força enquanto escritora, dos seus processos e de como enxerga a escrita no seu mais íntimo. Dessa forma, perpassam reflexões das mais triviais às mais filosóficas, do fazer literário, da complexidade da vida, até desembocar no último parágrafo do texto, que é, sem dúvida, um dos mais fortes já escritos pela autora onde o fascínio pela literatura se mostra como sendo o seu maior refúgio ou mesmo a fuga do mundo físico.

CARTAS

I

PARIS, FIM DE 1960

Minha vida aqui vai e vem, é a corrente de sempre, esperança e desesperança. Vontade de morrer e de viver... O resto persiste na dúvida: não sei se voltar ou ficar (no meu emprego). Ainda não me disseram que me aceitam definitivamente, porém suspeito que assim será e depois de tudo, o que importa voltar ou não, melhor dizendo, importa não voltar, importa minha solidão no meu quatinho – que cheguei a querer –, minha liberdade de movimento e essa ausência de olhos alheios em meus atos. Se não fosse pela minha paixão (que me leva muitas vezes a errar as ruas e buscá-la: em cada rosto, em cada árvore, em cada cachorro, nas folhas mortas, nas sombras; e a tristeza definitiva de voltar depois de não haver encontrado, e o que encontrar se busco o que não existe?) minha vida seria tranquila e possivelmente proveitosa, mas essa nova irrealidade em que me perdi, esse amar absurdo (ocorrendo, como sempre nesse caso, que não recordo seu rosto verdadeiro)... Enfim, tenho muito medo e sem dúvida estou maravilhada, fascinada pelo estranho e inexplicável de tudo o que sou, de todas que sou e as que me fazem e desfazem.

¹ O único remédio contra a loucura é a inocência dos feitos.

II

SEM DATA

... Tensão a toda hora. A questão de sempre: destruição e criação, sim e não. Repito a frase que li faz muito tempo:

“Le seul remède contre la folie c’est l’innocence des faits.”¹

Felizmente não morreu o humor e não deixa de divertir minha vida cotidiana em que a torpeza atua e transforma tudo em um velho filme de Chaplin. Assim foi que resisti durante muitos meses a lavar a roupa (compra-

va novas), o que impediu me suicidar porque que poeta deixaria que manuseassem suas malas de morto se tem nelas roupas não lavadas?

... Logo me dei conta do que é a poesia, quero dizer, lendo e relendo poetas muito diferentes senti certo ritmo, certa iluminação, certa vivência distinta da linguagem. Meus últimos poemas são o melhor que fiz. (E como fiz!). Porém não me contentam. Confesso ter medo. Sei que sou poeta e que farei poemas verdadeiros, importantes, insubstituíveis, me preparo, me dirijo, me consumo e me destruo. É o meu fim. E não obstante corro perigo. Talvez se me encarcerassem e me torturassem e me obrigassem mediante horríveis suplícios a escrever dois poemas maravilhosos por dia, eu faria. Estou segura disso. Talvez eu não busque um professor, busco um carrasco...

... Dei-lhe ideias boas. Mas fazer diálogos é algo impossível para mim. Eu não sei falar como todos, minhas palavras soam estranhas e vem de longe, de onde não é, dos encontros com ninguém. Que artigos de consumo fabricar com minha melancolia e continuidade?

III

1961

... Vejo uma psicanalista: M. S., que trata de me ensinar (com escasso proveito) a relaxar. Isso me levou a pensar em minha psicanálise, na possibilidade, ou impossibilidade, de que um ser ajude o outro. Eu creio que há algo muito complexo e difícil e terrível em pessoas como eu: os que querem se curar e demandam ajuda: Me ajuda pois não quero que me ajudem.² Atualmente tudo me é difícil e intrincado. Sinto que me transportaram da selva para a cidade. Dos deuses implacáveis aos homens, os próximos, os de aqui. Resultado: nem sonho, nem realidade.

² Essa frase se reencontra textualmente no poema *Figuras y Silencios*, de *Extracción de la piedra de la locura*:

Mãos nervosas me confinam ao exílio.

Me ajuda a não pedir ajuda.

Querem me anoitecer, vão me matar.

Me ajuda a não pedir ajuda.

IV

SEM DATA

O fato de que quase tudo o que faço no escritório é mecânico e rotineiro (quase sempre cópias na máquina) é justamente o que me faz falta. Primeiro porque sou automática por natureza e segundo porque por mais que demonstre o contrário não sirvo para as tarefas de criação em um escritório simplesmente porque não sou desse mundo. E mais: muitas vezes quis ser jornalista, porém sei bem que o quis por um sonho de garota. No fundo tenho horror em escrever sobre o que não importa para ganhar dinheiro.

... Mas depois vem a manhã, e me desperto apaixonada pela minha vida, são oito horas e o ônibus rodeia o Sena e há neve no rio e sol nos vitrais de Notre Dame, e ver a manhã, a caminho do escritório, é uma visão tão maravilhosa e ainda há chuva, e ainda há esse céu de outono absolutamente cinza – tão de acordo com o que sinto –, esse céu que amo muito mais que o sol, pois na verdade não amo o sol, na verdade amo essa chuva, essa tristeza de fora. Me assusta talvez caminhar pela rua St. Lazare, quando descendo do ônibus entra a massa anônima de auxiliares de escritório e seres que vão como se houvesse dado corda, rostos mortos, olhos mudos. Então digo: em vez de estudar e fazer o que te corresponde há aqui uma que é como eles: uma auxiliar de escritório a mais; lindo destino para uma poeta apaixonada pelos anjos.

... Com todo meu respeito pela psicanálise me atrevo a não estar de acordo sobre a importância de “ganhar a vida” em si mesma. Creio que ganharia mais dormindo até muito tarde e recebendo dinheiro sem ter que escrever na máquina duzentos endereços por dia. Nem tampouco é possível

somente poemas. Em troca sim é possível pintar todo o dia ou escrever novelas. Talvez o mito do poeta que sofre cujos “únicos instrumentos são a humilhação e a angústia” vem dessa impossibilidade de descobrir um ritmo de criação, uma continuidade, um fazer dia a dia. É possível que se meu trabalho fosse mais interessante não me queixaria.

... Como minhas finanças vão atrocemente mal, acabo de fazer uma reportagem com Marguerite Duras que me deixou contente pois nosso encontro foi o oposto ao que tive com Simone de Beauvoir, quer dizer que foi interessante e nós duas simpatizamos rapidamente. Além disso, começarei a fazer um pouco de crítica poética para *Cuadernos*. Ao diabo as ideologias. Não estou disposta a morrer de fome em homenagem aos intelectuais de esquerda³. A parte disso, envelheço e não tenho vontade de voltar a Buenos Aires. Me encho de francesismos e perco meu sentido de humor, como demonstra essa cartinha. No entanto me sinto ainda adolescente, mas por fim cansada de jogar o personagem alejandrino. De todo modo não há ante quem jogar, a quem escandalizar, a quem conformar, mas gosto sempre da vida, já te disse...

Simplesmente não sou desse mundo... eu habito com frenesi a lua... Não tenho medo de morrer; tenho medo dessa terra alheia, agressiva... não posso pensar em coisas concretas; não me interessam... Eu não sei falar como todos. Minhas palavras são estranhas e vem de longe, de onde não é, dos encontros com ninguém... o que farei quando submergir em meus fantásticos sonhos e não conseguir voltar? Porque alguma vez vai ter que acontecer. Irei e não saberei voltar. E mais, não saberei sequer que há um “saber voltar”. Nem o vou querer.

³ Os Cuadernos por el congreso de la libertad de la cultura, que dirigia Arciniegas, onde também colaboravam Héctor Murena e Julio Cortázar. Nos ambientes progressistas de esquerda daquele tempo, a revista não era considerada suficientemente avançada. Pizarnik experimentava um forte repúdio por compromissos políticos de qualquer espécie. A história de sua família judia na Polónia, dizimada sucessivamente pelos nazis e pelos comunistas, lhe outorgava um total desinteresse por qualquer classe de sacrifício em termos de uma ideologia correta.

CARTAS

I

PARÍS, FINES DE 1960

Mi vida aquí va y viene, es la corriente de siempre, esperanza y desesperanza. Ganas de morir y de vivir... Lo demás está en la duda: no sé si volver o quedarme (en mi empleo). Aún no me dijeron que me aceptan definitivamente pero sospecho que así será y después de todo, qué importa volver o no, mejor dicho, importa no volver, importa mi soledad en mi cuartito – que he llegado a querer –, mi libertad de movimiento y esta ausencia de ojos ajenos en mis actos. Si no fuera por mi enamoramiento (que me lleva muchas veces a errar por las calles y buscarla: en cada rostro, en cada árbol, en cada perro, en las hojas muertas, en las sombras; y la tristeza definitiva de volver después de no haber encontrado ¿y qué encontrar si lo que se busca no existe?) mi vida sería tranquila y posiblemente dichosa, pero de esta nueva irrealidad en que me he sumido, este amar absurdo (ocurriendo, como siempre en estos casos, que no recuerdo su rostro verdadero)... En fin, tengo mucho miedo y sin embargo estoy maravillada, fascinada por lo extraño y lo inextricable de todo lo que soy, de todas las que soy y las que me hacen y deshacen.

II

SIN FECHA

... Tensión a toda hora. La cuestión de siempre: destrucción o creación, sí y no. Me repito la frase aquella que leí hace mucho:

“Le seul remède contre la folie c’est l’innocence des faits.”⁴

Felizmente no ha muerto el humor y no deja de divertirme mi vida cotidiana en la que mi torpeza actúa y transforma todo en un viejo film de Chaplin. Así es como me resistí durante muchos meses a lavarme la ropa (me compraba cosas nuevas), lo que impidió suicidarme porque, ¿qué poeta se dejaría manosear sus valijas de muerto si hay en ellas ropa no lavada?

... De pronto me di cuenta de lo que es la poesía, quiero decir, leyendo y releendo poetas muy distintos sentí cierto ritmo, cierta iluminación, cierta vivencia distinta del lenguaje. Mis últimos poemas son lo mejor que hice. (¡Y qué hice!). Pero no me contentan. Confieso tener miedo. Sé que soy poeta y que haré poemas verdaderos, importantes, insustituibles, me preparo, me dirijo, me consumo y me destruyo.

Es mi fin. Y no obstante corro peligro. Tal vez si me encerraran y me torturaran y me obligaran mediante horribles suplicios a escribir dos poemas maravillosos por día, los haría. Estoy segura de ello. Tal vez yo no busco un maestro, busco un verdugo...

... Le di ideas buenas. Pero hacer los diálogos me es imposible. Yo no sé hablar como todos, mis palabras sueñan extrañas y vienen de lejos, de donde no es, de los encuentros con nadie. ¿Qué artículos de consumo fabricar con mi melancolía a perpetuidad?

III

1961

... Veo a una psicoanalista: M. S., que trata de enseñarme (con escaso provecho) a relajarme. Esto último me ha llevado a pensar en mi psicoanálisis, en la posibilidad, o imposibilidad, de que un ser ayude a otro. Yo creo que hay algo muy complejo y difícil y terrible en la gente como yo: los que quieren curarse y demandan ayuda: Ayúdame pues no quiero que me ayuden. Actualmente todo me es difícil e inextricable. Siento que me transportaron de la selva a la ciudad. De los dioses implacables a los hombres, los prójimos, los de aquí. Resultado: ni sueño, ni realidad.”

IV

SIN FECHA

El hecho de que casi todo lo que hago en oficina es maquina y rutinario (casi siempre copias a máquina) es justamente lo que me hace falta. Primero porque soy automática por naturaleza y segundo porque por más que me demuestre lo contrario no sirvo para las tareas de creación en una oficina simplemente porque no soy de este mundo.

Es más: muchas veces quise ser periodista, pero sé bien que lo quise por juego de niña. En el fondo me horripila escribir sobre no importa qué para ganar dinero. ... Pero después es la mañana, y me despierto enamorada de mi vida, son las ocho y el autobús bordea el Sena y hay niebla en el río y sol en los vitrales de Notre Dame, y ver a la mañana, camino a la oficina, una visión tan maravillosa y aún la lluvia, y aún este cielo de otoño absolutamente gris – tan de acuerdo con lo que siento – este cielo que amo mucho más que el sol, pues en verdad no amo al sol, en verdad amo esta lluvia, esta tristeza en lo de afuera. Me asusta tal vez caminar por la gare St. Lazare, cuando descendo

del autobús y entrar en la masa anónima de oficinistas y seres que van como si les hubieran dado cuerda, rostros muertos, ojos mudos. Entonces digo: en vez de estudiar y hacer lo que te corresponde he aquí que eres como ellos: una oficinista más; lindo destino para una poeta enamorada de los ángeles.

... Con todo mi respeto por el psicoanálisis me atrevo a no estar de acuerdo sobre la importancia de “ganarse la vida” una misma. Creo que me la ganaría más quedándome dormida hasta muy tarde y recibiendo dinero sin tener que escribir a máquina doscientas direcciones por día. Pero tampoco es posible hacer solamente poemas. En cambio sí es posible pintar todo el día o escribir novelas. Tal vez el mito del poeta que sufre cuyos “únicos instrumentos son la humillación y la angustia” viene de esta imposibilidad de hallar un ritmo de creación, una continuidad, un hacer día a día. Es posible que si mi trabajo fuera más interesante no me quejara.

... Como mis finanzas van atrocemente mal le acabo de hacer un reportaje a Marguerite Duras que me dejó contenta pues nuestro encuentro fue opuesto al que tuve con Simone de Beauvoir, es decir que fue interesante y las dos simpatizamos enseguida. Además, comenzaré a hacer un poco de crítica poética para Cuadernos. Al diablo las ideologías. No estoy dispuesta a morir de hambre en homenaje a los intelectuales de izquierda. Aparte de esto, envejezco y no tengo ganas de volver a Buenos Aires. Me lleno de galicismos y pierdo mi sentido del humor, como lo demuestra esta cartita. No obstante me siento aún adolescente pero por fin cansada de jugar al personaje alejandrino.

De todos modos no hay ante quien jugar, a quien escandalizar, a quien conformar, pero me gusta la vida siempre, ya lo decía...

Simplemente no soy de este mundo... yo habito con frenesi la luna... No tengo miedo de morir; tengo miedo de esta tierra ajena, agresiva... no puedo pensar en cosas concretas; no me interesan... Yo no sé hablar como todos. Mis palabras son extrañas y viene de lejos, de donde no es, de los encuentros con nadie... ¿qué haré cuando me sumerja en mis fantásticos sueños y no pueda ascender? Porque alguna vez va a tener que suceder. Me iré y no sabré volver. Es más, no sabré siquiera que hay un “saber volver”. Ni lo querré acaso.

Alice Caetano

Oblíquo, o desenlace

Um caminho coagulado
Estende-se
Entre o que dele é plasma e o tolhimento perante as
Concavidades que não transponho
Um caminho que dificulta a conclusão da manhã
Com todo o impulso do torso e da memória
Na costura do desenlace

Aquela era a hora em que o colo materno se
Arrojava para dentro das orquídeas-baunilheiras
E esperava afogar-se
Na transfiguração
Que é onde eu sugiro ir ao fundo do desagasalho, sem o conseguir

Mangue

No final do dia incandescente
no maral de ondas cálidas
as águas atléticas vazavam
sedimentando os ocultos aquáticos

em meio ao bailado de siris
brotaram topos de um tesouro cintilante enraizado ao soalho lodoso.

logo, decorando o manguezal ao avesso submergiram as belezas da produção humana.

polímeros
cerâmicos
emborrachados
curtidos

restos, inteiros
sobejos, despejos.

os combinados da tabela periódica.

às vezes penso
que o geotropismo negativo
são as plantas em desespero.



R\$ 58,00 + frete

“A tranquilidade durou pouco. A opressão no peito aumentou e meus passos tornaram-se lentos. Parei e olhei para trás. Três homens, vestidos com terno cinza, caminhavam cerimoniosos. Dois deles carregavam uma bandeja com uma tampa metálica. O outro os acompanhava. Vinham em minha direção. As dores da angústia misturaram-se às do medo. Aqueles homens cinzentos eram os mesmos que me degolaram. Recuei em passos lentos, sem perdê-los de vista. Se eles me virem, me degolam de novo. Encostei-me numa parede. Procurei alguma saída. Eles caminhavam em silêncio, como se estivessem carregando algo sagrado. O medo aumentou e pressionei meu corpo contra a parede. Precisava fugir daqueles homens, mas eles se aproximavam. Pressionei meu corpo ainda mais. Senti-me dissolver. Eu era a parede!”

Adquira Raul & Eu pelo e-mail: cacarvalho49@gmail.com

E ganhe um exemplar de Toca Raul, livro de contos e crônicas.

Livia Mota
Natália Moreti

quatro anos de diferença
poemas de duas mãos escritas

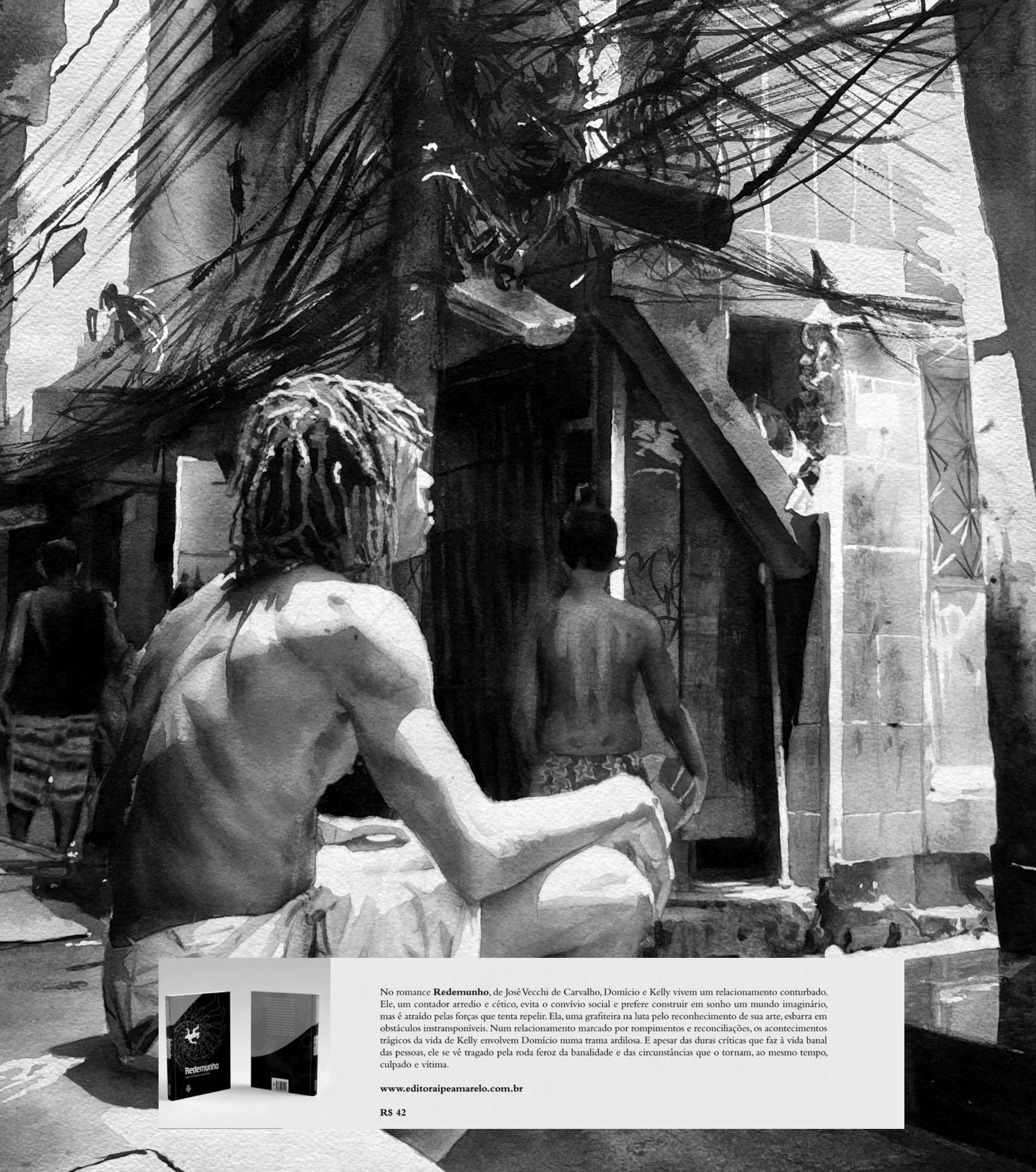
“Este livro é a materialização do amor, do sentimento, dos genes e da carne. Tem peso, textura e aroma de poesia – com a crocância necessária dos tempos atuais, duros. É a união de almas que urram por liberdade e um respiro de alívio no meio da obscuridade. Livia e Natália são caos feminino, mas caos ordenado. Anarquia à flor da pele. São almas gêmeas bivitelinas de emoções, gemidos e gritos - juntas. Almas femininas carregadas de feminismo, indignação e ternura. Esta publicação é o fruto do Manas Escritas, um projeto nascido do profundo desejo de levar poesia colorida e fraterna para o mundo duro, amargo e cinza, bem como traduzir as emoções sentidas, mas que nos faltam palavras para expressar.”

Paula Ribeiro



Pontes
EDITORES

www.ponteseditores.com.br



No romance **Redemunho**, de José Vecchi de Carvalho, Domício e Kelly vivem um relacionamento conturbado. Ele, um contador arredio e cético, evita o convívio social e prefere construir em sonho um mundo imaginário, mas é atraído pelas forças que tenta repelir. Ela, uma grafiteira na luta pelo reconhecimento de sua arte, esbarra em obstáculos intransponíveis. Num relacionamento marcado por rompimentos e reconciliações, os acontecimentos trágicos da vida de Kelly envolvem Domício numa trama artilosa. E apesar das duras críticas que faz à vida banal das pessoas, ele se vê tragado pela roda feroz da banalidade e das circunstâncias que o tornam, ao mesmo tempo, culpado e vítima.

www.editoraampearelo.com.br

RS 42

Jorge Cardoso

Na gaiola preta

“Divinity or madness, I'm going there.”
Tudo começou com esta frase que eu li de um poeta americano que encontrou um guri pelado, sim, um guri, um moleque, não um guru. Em uma floresta, acho que na Amazônia ou na fronteira com o Peru. Um índio o convidou para tomar um chá alucinógeno. E ele veio com essa: “Divindade, graça divina ou loucura, eu vou lá!”. Eu nunca fui pôr os pés na água preta. Só vi panteras na TV e negras quando a minha timidez mesmo assim as afastava. Eu sempre fui muito assustado. Nunca quis me encontrar nem comigo mesmo nem com ninguém. Quando bebia era mais fácil. Fodidaço de álcool. As pessoas não me dizem nada, não fazem muita diferença para mim. Estou velho. Ph7. Por isso eu sempre tive muita dificuldade em me relacionar. Gênesis 4:14. Me dá um dinheiro aí. Com os meus filhos foi fácil. Feito bichos em uma gaiola eu os vi crescer, jogava água, pão e sol quente para eles,

os alimentava em conta-gotas com a mesma verdade que eu escondia de mim, de quem eu era ou pensava das coisas, mas quando se tornaram grandes feito uma jiboia, ou um chimpanzé sem fraldas que se redescobre selvagem eu também fugi deles (fujo pra caralho) e tranquilo me trancafeiei à minha própria gaiola, pelo lado de dentro, em um apartamento sem quarto com um banheiro emendado em uma cozinha e a receita do bolo que voa aos rodopios por cima da minha alma: Sozinho Ceará. Sempre sozinho. Serás. Dizem ser autismo. Não. Se eu fosse autista já teria morrido. A minha alma é atrofiada, anã. Contralto. Sou forte e fraco – a fortaleza e o meu calcanhar esfolado não cabe a mim. Que me julguem os outros. Eis a nobreza de gente pobre. Inventada. Nem sou o bam-bam-bam. Me canso fácil. A única coisa que eu fiz nessa vida foi tentar. Tentei o diabo das casas de macumbaria. Mas esse não teve muito interesse na minha alma

depois que notou que ela também envelhecia presa ao meu corpo. E, eis a alma cansada, que não serve mais para nada a não ser perecer presa à carne e ao mármore fundido ao plástico da privada – olhando ao acordar com zumbidos nos ouvidos para o relógio e o tempo escorrendo – no trono.

Sem potência não me tornei alguém importante que pudesse explodir violento e apagar com guerras e motins as esperanças do mundo, de um país, de uma cidade, de uma tribo rodeada de cegos brandindo molhes de trigo em chamas que ao meu comando incendiariam a si mesmos.

- Malvadão, hein?
- É malvadão merrrrmo e que se foda, ô Zeus babaca!

Falhei, mas vou continuar tentando.

Escrever não apenas nos engana, mas faz bem – recomendo

... a gostosa

Na gaiola preta.



De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: “cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha”. A exemplo da “escrita imediata dos meteoros”, a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, “... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia”. Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também.
Por Alberto Bresciane

www.editorapenalux.com.br



Lygia Fagundes Telles

Trecho do conto “Venha ver o pôr do sol”

O mato rasteiro dominava tudo. E, não satisfeito de ter se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrando-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com a sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando vagorosamente pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.